



---

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS, SOCIAIS E DA NATUREZA - MULTICAMPI CORNÉLIO  
PROCÓPIO E LONDRINA

ANDRÉIA GODOY RUIZ

**PRINCESA, SER OU NÃO SER? HISTÓRIAS INFANTIS E A (DES)  
CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

LONDRINA

2025

ANDRÉIA GODOY RUIZ

**PRINCESA, SER OU NÃO SER? HISTÓRIAS INFANTIS E A (DES)  
CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

**PRINCESS, TO BE OR NOT TO BE? CHILDREN'S STORIES AND THE  
(DE)CONSTRUCTION OF STEREOTYPES**

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – Multicampi Cornélio Procópio e Londrina, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

Área de Concentração: Ensino, Ciências e Novas Tecnologias.

Linha de Pesquisa: Fundamentos e Metodologias para o Ensino de Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dra. Angélica Cristina Rivelini Silva

LONDRINA

2025



Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

[4.0  
Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



ANDREIA GODOY RUIZ

**PRINCESA, SER OU NÃO SER? UMA PROVOCAÇÃO EM RELAÇÃO AOS ESTEREÓTIPOS EM UM CONTO INFANTIL**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Ciências Humanas, Sociais E Da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino, Ciências E Novas Tecnologias.

Data de aprovação: 02 de Outubro de 2025

Dra. Angelica Cristina Rivelini Da Silva, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Bruna Adriane Fary Hidai, Doutorado - Universidade Federal de Pelotas (Ufpel)

Dra. Roseli Gall Do Amaral Da Silva, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 02/10/2025.

Dedico esse trabalho à Nossa Senhora Aparecida, por estar presente sempre em minha vida, me guiando e protegendo. À minha família, em especial à minha filha Julia, que não mediu esforços para me ajudar na realização deste sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me permitiu realizar esse sonho.

Aos meus pais, Célio e Dirce, meu alicerce e modelo de vida. Ao meu marido, Dair, pela paciência e incentivo. À minha querida filha, Julia, pelo apoio, ajuda, incentivo e paciência durante esse percurso cheio de desafios.

Agradeço, também, aos professores Armando e Damasceno, que sempre estiveram prontos a ajudar, tirar dúvidas e, principalmente, me incentivar.

À Diretora Juliana, da Escola Municipal Professor Ângelo Mazzarotto, que prontamente apoiou a pesquisa na instituição.

Aos meus alunos que se envolveram e realizaram as atividades com dedicação e alegria.

E, principalmente, à minha orientadora, Professora Doutora Angélica Cristina Rivelini Silva, que confiou em mim, acreditou no meu sonho e sempre esteve ao meu lado, incentivando com carinho, ensinando com paciência, explicando nos mínimos detalhes em seus “podcasts”, e pelo apoio nos momentos de desafios que surgiram no decorrer do curso.

A vida se encolhe ou se expande em  
proporção à sua coragem.  
Anais Nin

## RESUMO

Tornar a aprendizagem efetiva e inovar a prática docente é uma luta incessante para todos os educadores. Na disciplina de Língua Portuguesa, especialmente no que diz respeito à literatura, aprender de forma lúdica, significativa e contextualizada pode oportunizar às crianças o envolvimento participativo e atuação efetiva em seu processo de desenvolvimento. O presente trabalho tem como objetivo investigar as vantagens e contribuições da educação para a mídia ao aplicar uma sequência didática utilizando contos de fadas na alfabetização e discutindo questões estruturais de uma sociedade patriarcal apresentada pelo conto no segundo ano do Ensino Fundamental, nas aulas de leitura e no componente curricular Língua Portuguesa. A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de promover a inovação metodológica na disciplina de Língua Portuguesa qual ainda é um campo desafiante. Para tanto, intenciona-se oferecer uma metodologia lúdica com o uso de roda de conversa, atividades orais e escritas e recortes para promover a motivação e o entendimento do conteúdo, considerando como universo da pesquisa os estudantes matriculados no segundo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Ângelo Mazzarotto – Cornélio Procópio - PR. A pesquisa é de caráter qualitativo e busca entender os significados através de uma análise descritiva e interpretativa. Para isso, serão utilizadas as escritas, as falas e ações dos integrantes para análise dos dados, os quais serão processados por meio do método de Análise de Conteúdo, de Bardin. Como Produto Educacional, será construída uma sequência didática que auxilie outros educadores no âmbito dos contos de fadas. Almeja-se, com este trabalho, apresentar novas abordagens e estratégias para oportunizar aulas de leitura mais atrativas, promovendo compreensão e análise de mídia trazida nos contos infantis.

**Palavras-chave:** Análise de mídia; Contos de fadas; Alfabetização midiática;

## **ABSTRACT**

Making learning effective and innovating teaching practices is a constant challenge for all educators. In the subject of Portuguese Language, especially regarding literature, learning in a playful, meaningful, and contextualized way can provide children with participatory engagement and active involvement in their development process. The aim of this study is to investigate the advantages and contributions of media education by applying a didactic sequence using fairy tales in literacy instruction and discussing the structural issues of a patriarchal society presented in the tale with second-year Elementary School students during reading classes and within the Portuguese Language curriculum. The relevance of this study lies in the need to promote methodological innovation in a subject that remains a challenging field. To this end, the study proposes a playful methodology that includes conversation circles, oral and written activities, and cut-and-paste tasks to foster motivation and understanding of the content. The research will focus on students enrolled in the second year of Elementary School at Escola Municipal Professor Ângelo Mazzarotto – Cornélio Procópio - PR. This will be a qualitative study aimed at understanding meanings through descriptive and interpretative analysis. Writings, speech, and actions of the participants will be used for data analysis, which will be processed through Bardin's content analysis method. As an Educational Product, a didactic sequence will be developed to assist other educators in the context of fairy tales. This work aims to present new approaches and strategies to make reading classes more engaging, promoting comprehension and media analysis through children's stories.

**Keywords:** Media analysis, fairy tales, media literacy.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Catálogos de trabalhos selecionados e divididos em categorias, quantidade de teses e dissertações. ....	49
Quadro 2 – Categorias.....	50
Quadro 3 - Cronograma de Planejamento e Pesquisa.....	60
Quadro 4 - Etapas das atividades.....	60

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FURB - Universidade Regional de Blumenau

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

PPGEN - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza

SD - Sequência Didática

SESC - Serviço Social do Comércio

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UNOPAR - Universidade Norte do Paraná

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 Uma reflexão antes de tudo .....	13
1.2 Apresentação do tema .....	15
1.3 Justificativa .....	18
1.4 Objetivos da pesquisa.....	18
1.4.1 Objetivo Geral .....	18
1.4.2 Objetivos Específicos: .....	18
1.5 Estrutura do trabalho .....	19
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>19</b>
2.1 Leitura e reflexão .....	19
2.2 A educação midiática e a BNCC.....	29
2.3 Formação do cidadão crítico.....	30
2.4 Formação de professores para o uso midiático .....	34
2.5 A importância do Plano de Aula.....	38
2.6 A linguagem como mediação.....	41
2.7 Mídia e consumo.....	43
2.8 A importância da leitura e o questionar crítico .....	47
2.9 Educação midiática no Brasil.....	48
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>56</b>
3.1 O Contexto e os participantes da pesquisa .....	58
3.2 O instrumento de coleta de dados .....	59
3.3 Produto Educacional.....	59
3.4 Uma reflexão: uma visão da pesquisadora.....	68
3.5 Metodologia de análise dos dados .....	70
<b>4 ANÁLISES DE DADOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>70</b>
4.1 Categoria: Uma princesa deve ser.....	71
4.2 Categoria: Bonito e feio .....	75
4.3 Categoria: Dona de casa .....	77
4.4 Categoria: outros modos de olhar.....	81
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>85</b>
<b>6 POSFÁCIO</b> .....	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>89</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No contexto atual, a leitura crítica e reflexiva é fundamental para compreender e solucionar os problemas da sociedade. Isso tem intensificado a urgência de formar cidadãos mais críticos, ativos e engajados, exigindo novas práticas educacionais que incentivem a participação ativa dos estudantes, especialmente diante das mudanças significativas no ambiente educacional.

Este trabalho propõe uma abordagem que integra alfabetização midiática e análise de contos de fadas, especificamente do conto "Branca de Neve", para desenvolver estratégias de leitura crítica entre crianças. A alfabetização midiática está ganhando importância no campo educacional, pois pode ajudar na prática da leitura reflexiva, oferecendo às crianças ferramentas para questionar e analisar o conteúdo que consomem. A metodologia investigativa, que promove a identificação, discussão, análise e reflexão, visa transformar o estudante em protagonista de sua própria aprendizagem, com o professor atuando como mediador.

Projeto desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e envolverá alunos do segundo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Ângelo Mazzarotto, na cidade Cornélio Procópio, no Norte do Paraná. Baseado na visão de Paulo Freire, o qual defende que a leitura deve ser processada pela própria identidade do leitor. O projeto busca usar a literatura de maneira lúdica, proporcionando aprendizado com prazer e diversão. A análise de mídia em sala de aula pode contribuir para mudanças significativas em ideologias e crenças, oferecendo aos alunos a liberdade de fazer escolhas mais conscientes.

Durante as aulas, os alunos participaram de discussões orais sobre temas relevantes apresentados no conto de fadas "Branca de Neve", relacionando-os ao contexto em que vivem. Essa discussão ocorreu ao longo do projeto, culminando na produção e aplicação de um Produto Educacional final, que não pretende ser uma solução pronta, mas um ponto de partida para futuras adaptações e ajustes conforme as diferentes realidades. Foi utilizada a aprendizagem lúdica e reflexiva com o Conto de Fadas para demonstrar que é possível aprender de maneira prazerosa e significativa a partir da literatura infantil.

### **1.1 Uma reflexão antes de tudo**

Só quem já lutou muito para alcançar um sonho sabe quão indescritível é o sentimento de realizá-lo. Lutei muito até ingressar neste mestrado, e muitas foram as frustrações e lágrimas, contudo, o fascínio pelo mundo acadêmico foi a mola propulsora para vencer os obstáculos.

Sou filha de pais analfabetos, porém com muita sabedoria, os quais sempre me incentivaram a estudar e fizeram muitos sacrifícios para eu chegar à universidade. Fui uma aluna dedicada aos estudos, pois a escola sempre foi mágica para mim e precisava dar orgulho aos meus pais. Fui a primeira filha a chegar à faculdade e sou a única a concluir o mestrado; pena meu pai não estar aqui para partilhar essa vitória.

Fiz o Ensino Fundamental, anos iniciais, numa escola rural; já durante o Fundamental II, tive que vir para a cidade, separando-me da família durante a semana. Foi uma fase muito difícil, mas valeu a pena. Na sequência, ingressei no Magistério e logo fui selecionada para estagiar no Serviço Social do Comércio (SESC), em uma vaga remunerada. Tive o contrato de dois anos renovado e passei os quatro anos de Magistério trabalhando como “professora”. Ao encerrar o contrato e o curso foi efetivada na empresa. A docência já fazia parte da minha vida como um ente muito querido. A distância da sala de aula passou a ser impensável. Cursei Pedagogia e continuei no magistério, no qual atuo há 30 anos com muito orgulho. Cursei, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) campus Cornélio Procópio, a Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica, na modalidade Jovens e Adultos, e pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) a Especialização em Psicopedagogia.

Na última década, trabalhei no Ensino Fundamental, anos iniciais, em uma instituição privada. Atualmente, atuo na mesma fase, contudo na rede municipal de ensino.

Em minha vida profissional, sempre utilizei contos de fadas durante as aulas de leitura, já que as crianças são fascinadas por essas histórias, porém sempre fiz atividades diferentes baseadas nessas histórias, como maquetes de castelos com princesas, desenhos, recortes de figuras de lugares onde princesas e príncipes poderiam morar, exposição de sapatos emprestados da mamãe que poderiam ser usados por princesas, recortes de mulheres e homens que se encaixavam nesse perfil, entre muitas outras no decorrer de tantos anos dentro da sala de aula. Contudo, há um trabalho que me marcou muito, que foi a proposta de “um dia de princesa e

príncipe” na escola. Após ter explorado vários contos, a última tarefa seria cada um escolher um príncipe e uma princesa e vir caracterizado para fazermos um desfile. As crianças ficaram extremamente animadas, principalmente as meninas. No dia combinado, para minha triste surpresa, quatro crianças faltaram, e as mães avisaram que o motivo era o desfile, do qual não queriam participar. Já entre os que vieram, três meninas não estavam caracterizadas, não desfilaram, apenas assistiram aos demais. Quando questionei cada uma delas individualmente sobre o porquê da recusa, foram unânimes: “não pareço com uma princesa, nenhuma fantasia me serviu”; “não posso ser princesa por causa do meu cabelo e minha cor”; “não posso ser princesa, sou gordinha”. Expliquei-lhes várias coisas sobre isso, mas não consegui convencê-las. Senti-me muito frustrada e triste por ter promovido uma brincadeira que acabou chateando tanto algumas crianças, provavelmente marcando a vida delas, assim como marcou a minha. Essa lembrança retornou muito forte à minha vida quando realizei uma disciplina sobre Alfabetização midiática como aluna especial do Mestrado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na qual comecei a refletir sobre como esse tema é imprescindível dentro do âmbito escolar das crianças. Recordo-me de que um dos trabalhos que desenvolvi ao longo da disciplina, com a orientação da professora, foi sobre o conto de fadas “Cinderela”. Esse trabalho e essa disciplina me encantaram pela possibilidade de trabalhar com os contos de que gosto muito, contudo sobre uma outra perspectiva. Comecei a refletir: de que maneira a percepção dos educandos dos anos iniciais do Ensino Fundamental reflete sobre as interferências difundidas pela mídia impressa dos contos de fadas no processo de construção de sua subjetividade? As crianças são influenciadas nas atitudes e ações ao lerem ou ouvirem contos de fadas? Os professores consideram e refletem sobre as influências da mídia nas crianças ao selecionarem essas histórias utilizadas nos anos iniciais? Os professores criam estratégias para que as crianças possam refletir sobre o que estão lendo e ouvindo através da mídia? É possível utilizar contos de fadas para alfabetizar midiaticamente?

Essas reflexões, observando a importância, o crescimento e a visibilidade que a alfabetização midiática está tomando no campo educacional e como ela pode nos auxiliar na prática da leitura reflexiva junto às crianças para oportunizá-las a aprender estratégias que possibilitem uma leitura crítica, levaram-me à questão norteadora deste trabalho: quais as vantagens e contribuições da educação para mídia ao aplicar uma Sequência Didática utilizando os contos de fadas na alfabetização, e discutindo

questões estruturais de uma sociedade patriarcal apresentada pelo conto no segundo ano do Ensino Fundamental nas aulas de leitura no componente curricular Língua Portuguesa?

## **1.2 Apresentação do tema**

“A mídia-educação é hoje tão necessária ao exercício da cidadania quanto era a alfabetização no século XX” (Belloni, 1975, p. 27). Dessa forma, é imprescindível que professores utilizem estratégias de leitura que contribuam com novas aprendizagens, não reforçando comportamentos e condutas que levem a criança a reproduzir padrões estabelecidos pela sociedade e propagados pelas mídias. Segundo Freire (1998) educar é um ato político, dessa forma, a educação deve primar pelo diálogo, trocas de experiências, para que o educando seja capaz de desenvolver uma consciência crítica que o possibilite a transformar o ambiente a qual faz parte.

O ambiente social em que a criança está imersa, bem como a peculiaridade de suas experiências familiares, culturais e religiosas promovem o desenvolvimento da subjetividade. Segundo Paulo Freire (1998, p. 27) “a subjetividade se transforma na relação que ela tem com a verdade”. Como a escola é um local de socialização e formação da subjetividade, sua função também é formar indivíduos que sejam capazes de interagir e transformar a si e à sociedade da qual fazem parte. Nesse contexto, Freire (1987) apresenta a visão de que os seres humanos são agentes de transformação capazes de criar ou mudar o mundo ao invés de meros repetidores de padrões devido à sua capacidade de escolha e de romper com o estabelecido e contra a opressão. Dessa forma, a escola deve ser permeada pela ação e reflexão das práticas pedagógicas objetivando o desenvolvimento de pessoas com saber crítico.

A educação midiática deve penetrar efetivamente nos sistemas de ensino de modo a abranger diferentes áreas e conteúdos a serem aplicados em todos os níveis de ensino no cotidiano das práticas pedagógicas, verificando a maneira como a escola, especialmente os docentes, está utilizando essas ferramentas e integrando-as ao processo ensino-aprendizagem (Belloni, 1995).

Desta forma, refletir o modo como a leitura é conduzida e apresentada às crianças é uma conduta ética e responsável dos professores. A mediação, a reflexão e os questionamentos devem ser o ponto de partida para uma conduta contra a passividade do sujeito, uma vez que ele precisa ser incentivado a pensar,

problematizar, questionar para construir suas próprias significações e tomar suas decisões.

A leitura de contos de fadas nos anos iniciais oportuniza reflexões que auxiliam a subjetivação da criança. Segundo Foucault (1997), a subjetivação é o processo de tornar-se sujeito, no sentido de como somos constituídos como pessoas através de relações de poder e práticas sociais. Sendo assim, é necessário mostrar aos indivíduos que existem diferentes modos de interpretar essas histórias, levando-os a perceber e entender os distintos sentidos que um conto de fadas oferece, para assim poder desejar mudanças nos modos de ler ou mesmo reproduzir o que neles está posto, ou seja, problematizar e não apenas reproduzir em sua vivência.

Freire (1979) adverte que é por meio da experiência das relações com o mundo que o ser humano desenvolve sua ação-reflexão. Observar, discutir, problematizar e estabelecer o pensamento sobre si e o mundo que nos cerca deve ser uma conduta ensinada e incentivada desde a mais tenra idade. O professor é o sujeito que orienta a sala de aula, que tem posse da liberdade e do discurso, sendo, assim, o responsável por formular hipóteses e questionamentos sobre os acontecimentos presentes no cotidiano de seus alunos, fazendo relações e interpretações a partir das leituras sugeridas. Ainda em Freire (1979, p. 47) “o leitor não pode ser um memorista, mas é obrigado a processar a leitura pela sua própria identidade. Esse processo por sua vez transforma o discurso aprendido”.

Considerando esse cenário, o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental pode encontrar nos livros de contos de fadas oportunidades para práticas docentes significativas, efetivas e contextualizadas. As séries iniciais da Educação Básica são repletas de novidades e desafios para as crianças, caracterizando-se como espaço propício para o trabalho com contos de fadas e suas diversas dimensões, uma vez que leitura e releitura subsidiam a ação docente, proporcionando momentos de reflexão e oportunidades para que cada criança possa desenvolver seu conhecimento e sua forma de olhar o mundo. O ensino eficaz não se limita a simplesmente transferir informações, mas sim estimular o aluno a construir ativamente seu próprio conhecimento (Freire, 1979).

A análise de mídia pode ser realizada em sala de aula e contribuir de maneira efetiva com mudanças de ideologias ou crenças, oportunizando ao estudante a liberdade de fazer escolhas mais conscientes em sua formação. A construção da identidade do sujeito se inicia com momentos de reflexão sobre suas atitudes no dia

a dia. A instituição escolar contribui com essa formação, sendo imprescindível pensar nos elementos que a constituem dentro e fora, como as experiências vivenciadas por cada indivíduo e tudo que o circunda em seus diferentes aspectos, pois definem um valor que a escola deve respeitar e levar em consideração. A fim de valorizar a individualidade de cada criança e ampliar seus conhecimentos, a hora da leitura não deve ser apenas para acalmar ou ocupar o tempo das crianças, mas um momento importante em que o professor pode ouvi-las, dialogar, perceber seus anseios e dúvidas, considerando a peculiaridade de cada uma. Foi incluído na lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (doravante LDB) a Lei nº 14.407/2022, que estabelece a leitura como prioridade na Educação Básica. A criança tem direito à alfabetização completa e a capacitação gradativa para leitura no percurso da educação básica como pré-requisitos imprescindíveis para a efetivar os direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos estudantes.

Diante destes apontamentos, este trabalho objetiva investigar as vantagens e contribuições da educação para a mídia ao aplicar uma sequência didática utilizando contos de fadas na alfabetização, discutindo questões estruturais de uma sociedade patriarcal apresentada pelo conto no segundo ano do Ensino Fundamental, nas aulas de leitura e no componente curricular Língua Portuguesa, ao mesmo tempo em que desenvolve uma análise dos padrões sociais apresentados pelo contexto da história e seus personagens. Para isso, tem como objetivos específicos elaborar uma Sequência Didática (SD) que contemple a alfabetização midiática paralelamente à alfabetização e ao letramento. preparar um plano de aula de apoio à SD; aplicar a SD aos estudantes e, posteriormente, analisar os resultados da aplicação.

Assim, avaliar as possibilidades de representações contidas nos contos de fadas nos permite, além de refletir sobre as imagens trazidas, identificar discussões utilizadas na composição e construção da representação que se deseja.

Na fundamentação teórica, são apresentadas discussões que permeiam o entendimento sobre análise de mídia e os contos de fadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, para compreender os conceitos e os caminhos desta pesquisa, serão citados autores que discorrem sobre a literatura infantil, análise de mídia e formação de leitores críticos os quais servirão como referência para as investigações e produção da sequência didática.

Na seção metodológica, é apresentado o percurso escolhido para a produção do corpus desta pesquisa, o qual empregou a seleção dos contos de fadas e a

produção de uma sequência didática para alunos do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para apresentar o produto educacional, serão apresentadas as etapas que realizadas para a elaboração da Sequência Didática, a relevância para o trabalho pedagógico e a formação de leitores críticos. Na última seção, são apresentadas as observações relevantes sobre o material, assim como o desenvolvimento da pesquisa e as considerações finais.

### **1.3 Justificativa**

Justifica-se o desenvolvimento desta pesquisa, considerando:

- A dificuldade dos professores em romper com as práticas de ensino tradicionais;
- A perspectiva da criação de uma sequência didática para apoiar o processo de ensino e aprendizagem da leitura reflexiva;
- A necessidade de uma abordagem lúdica que propicie mais interesse e autonomia às crianças em processo evolutivo da leitura significativa.

### **1.4 Objetivos da pesquisa**

#### **1.4.1 Objetivo Geral**

Investigar as contribuições da educação para a mídia ao aplicar uma Sequência Didática que utilize contos de fadas para alfabetizar e discutir questões estruturais de uma sociedade patriarcal representada pelo conto.

#### **1.4.2 Objetivos Específicos:**

- Construir a Sequência Didática pautada no processo de Alfabetização e Educação para a mídia;
- Aplicar abordagem lúdica e leitura, para a formação do espírito crítico, reflexivo e investigativo.
- Possibilitar o ensino de conteúdos de alfabetização propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a série;
- Desenvolver, aplicar e analisar um conto de fadas para o ensino de leitura e escrita;
- Analisar o Conto de Fadas “A Branca de Neve” fazendo um estudo de gêneros e sociedade patriarcal.

- Criar um Projeto Educacional que possibilite docentes romper com práticas pedagógicas tradicionais.

### **1.5 Estrutura do trabalho**

O presente trabalho está estruturado em quatro partes.

Na primeira parte, estão: o cenário, a justificativa, a pergunta central e os objetivos, geral e específicos, da pesquisa.

Na segunda parte, está a fundamentação teórica envolvendo os seguintes aspectos: leitura e reflexão; educação e mídia no Brasil; educação, mídia e BNCC; formação do cidadão crítico com a cidadania digital; formação da criança para uso da mídia; importância do plano de aula; linguagem como mediação, mídia e consumo; a importância da leitura e o questionar crítico.

Na terceira parte, são apresentados os caminhos metodológicos; o contexto e os participantes da pesquisa; coleta de dados; produto educacional; resultados esperados; cronograma; instrumento de coleta de dados; metodologia de análise de dados.

Na quarta parte, estão as considerações finais do estudo, as suas limitações e algumas sugestões para trabalhos futuros.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Leitura e reflexão**

Padrões de beleza são impostos, ainda que sutilmente, a partir de imagens disseminadas desde contos de fadas a outdoors. Mulheres e homens são influenciados desde a mais tenra idade sobre o que é culturalmente visto como o que é belo e aceitável. Portanto, propiciar momentos de reflexão, questionamentos de maneira mais profunda e direcionada sobre o que é difundido pela mídia, começando pelos infantes, mostra-se de suma relevância. É papel da escola instigar diferentes debates, problematizar, discutir sobre determinados assuntos abordados pelas mídias, sempre oportunizando a produção de um novo olhar sobre o que se lê, além de desenvolver novos conhecimentos e elos para futuras leituras que essas crianças desenvolverão ao longo da vida acadêmica. Dessa forma, a construção de significações a partir do que se está exposto, desde as relações de trocas dentro da sala de aula, leituras, filmes e até cultura familiar influencia diretamente no processo

da construção da visão de mundo de cada indivíduo que se inicia na infância e estende-se por toda vida. Sendo assim, a influência do meio sociocultural está diretamente ligada a construção do sujeito.

Os contos de fadas permeiam o imaginário infantil, a beleza das personagens, suas vestimentas, o comportamento, a maneira romântica de se resolver os conflitos que são apresentados encantam as crianças. Contudo, estão longe da realidade, já que nem sempre – ou quase nunca – é possível ser feliz para sempre ou encontrar um “príncipe ou princesa”. Além disso, será que a felicidade de uma pessoa está mesmo diretamente ligada ao fato de encontrar um parceiro? Será que o padrão de beleza de homens e mulheres apresentados pelos contos de fadas é o mesmo que define a beleza e completude de um ser humano? Uma madrasta é sempre má? Esses são alguns dos questionamentos que essa Sequência Didática pretende levar para a sala de aula. Paulo Freire (1996) afirma que a compreensão da realidade antecede a compreensão da linguagem escrita. Sendo assim, as experiências vivenciadas são o suporte para o desenvolvimento do conhecimento efetivo e da reflexão.

Na história infantil, a princesa Branca de Neve é apresentada como uma mulher meiga, frágil, bela, necessitando, primeiramente, da companhia do caçador, o qual permitiu que ela fugisse e, posteriormente, necessitou da figura dos anões, os quais permitiram sua permanência na casa, já que ela foi de grande ajuda na limpeza e arrumação, além de boa cozinheira. O conto mostra que, a princípio, a princesa sofre, pois o pai não a protege das maldades da madrasta e de suas irmãs, sendo esse papel exercido pelos anões, tendo felicidade e proteção completa com a chegada e a presença do príncipe. Portanto, seu bem-estar sempre está atrelado à figura masculina, que, caso essa não cumpra seu papel, a “mocinha” fica desprotegida e vulnerável. “Fatos e mitos que favorecem o jugo das mulheres. O mais escandaloso dos escândalos é que nos habituamos a eles” (Beauvoir, 2016, p. 11). Essa frase de Simone de Beauvoir pode ser aplicada à leitura sem criticidade, já que pior que formar um leitor sem juízo de valor, é a escola se acostumar e perpetuar esse tipo de leitura.

A proposta deste trabalho pretende refletir sobre os paradigmas que estão inseridos neste conto de fadas, oportunizando às crianças pensar sobre a leitura sob um outro prisma, formando leitores reflexivos, já que a infância e as aulas de literatura são fecundas para esse desenvolvimento. A sociedade atual está cada vez mais midiática, daí a importância de propiciar aos estudantes um novo olhar sobre os conteúdos apresentados. E a escola é um local privilegiado para essa função.

Historicamente é possível observar que durante muito tempo a mulher não possuía direitos civis, autonomia econômica, entre diversas outras sanções, e seu papel de subserviência, primeiramente ao pai e depois ao marido, foi transmitido ao longo de séculos como algo natural. Porém, na atualidade, a mulher tem direito ao voto, a ter um trabalho, liberdade econômica e até para gerar um filho. Contudo, a estrutura social, que sempre foi dominada pelo masculino, ainda possui muitos resquícios que influenciam no exercício da paridade entre homens e mulheres. Segundo Beauvoir (2016, p. 12), “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

Ainda há muitos obstáculos para superar quando se trata do progresso da humanidade no que tange aos direitos, de fato, da mulher. Observa-se que esse patriarcado não apenas na estrutura familiar, de trabalho ou midiático, mas está presente em todas as esferas sociais, o que dificulta sua extinção. Carole Pateman (1993) refere-se à crença no patriarcado como uma característica da natureza, da vida e da sociedade humana que sugere a transmissão de poder através do viés masculino, organizando e vinculando a premissa de que as relações sociais patriarcais se referem à família. Historicamente, a construção familiar tem sido a primeira forma de agrupamento social. Dessa forma, a formação do patriarcado é entendida como ponto inicial para a organização social como um todo.

Já na sociedade grega, mulheres e escravos foram limitados à possibilidade de fala, não porque teriam algo a dizer, mas porque não usufruíam de voz pública (Elshtain, 1981).

O silenciamento histórico feminino, suas revisões e sua atuação no desenvolvimento da civilização foram negligenciados ou tidos como inferior, comparados às esferas do discurso masculino.

A ideia de família serviu como base para afastar a mulher das esferas públicas, uma vez que sempre foram atreladas à maternidade, cuidados com a prole e tudo que gira nesse contexto. Isso é perceptível nos contos de fadas, uma vez que as princesas estão sempre buscando seu príncipe encantado, o qual lhe dará todo suporte social e felicidade, como se o casamento fosse sinônimo disso. No conto da Branca de Neve, ela é retratada já no início protagonizando no papel destinado às mulheres ao longo da história, cuidando dos afazeres domésticos e cuidando dos homens representados pelos anões, aqueles que tinham que sair para o trabalho, sem tempo para tarefas menores.

A violência de gênero originada na intimidade amorosa, evidencia o controle sobre seus corpos, vontades, sexualidade e as mentes femininas, o que demonstra a inserção diferenciada de mulheres e homens tanto na estrutura familiar como na social, o que favorece a manutenção das estruturas de poder e dominação disseminadas na ordem patriarcal (Bandeira, 2019). Essa exclusão denota da inferioridade natural a qual a mulher está posta ao longo da história. A vitória do patriarcado é determinada com a instalação definitiva da submissão feminina (Simone de Beauvoir, 2014). A submissão da mulher é fundamental para instaurar e manter o patriarcado.

Em Branca de Neve, a princesa renuncia aos cuidados paternos, ou a falta deles e encontra-se na antecipação do casamento. Não há um apontamento de busca pela autonomia feminina, mas uma demonstração de fragilidade e vulnerabilidade da mesma quando se encontra longe do jugo masculino. Para ultrapassar as barreiras criadas que marcam ao longo da história a dominação das mulheres pelo patriarcado, posto como algo natural e amoroso, e que idealizam a família e o papel feminino nessa manutenção, a releitura reflexiva e a alfabetização midiática é um primeiro passo.

Visto sob essa perspectiva, o patriarcado assume um papel bom e natural na constituição da sociedade. E a mídia contribui com sutileza para essa construção social, tornando-se necessário um olhar mais crítico e reflexivo para que os contos de fadas, por exemplo, por meio da sua narrativa romantizada, denote a princesa sempre sob o jugo da figura masculina, sendo essa a provedora de proteção, cuidado e felicidade. Este trabalho busca oportunizar às crianças um novo olhar para e sobre literatura. A proposta didática utilizada será a dos Três Momentos Pedagógicos (MPS) – Problematização Inicial, Organização do Conhecimento e Aplicação do Conhecimento (Delizoicov; Angotti; Pernambuco, 2009), a qual, na atualidade, incorpora-se em diversas metodologias de ensino, desde a criação de materiais didáticos até como organizadores/estruturadores de desenhos curriculares (Muenchen; Delizocoiiv, 2012). Segundo Muenchen e Delizoicov (2014), os MPS estão assim organizados:

- Problematização Inicial: surgem as problemáticas familiares ao contexto de vivência dos estudantes, os quais requerem sua participação ativa nos conteúdos abordados. No momento de sondagem, os alunos são provocados a expor seus conhecimentos prévios, para que o professor possa conhecer o que já pensam sobre o tema.

- Organização do Conhecimento: é a oportunidade na qual, sob a mediação do docente, os conhecimentos científicos fundamentais para compreender o tema e a problematização inicial são estudados.

- Aplicação do conhecimento: oportunidade que visa esquematizar o conhecimento elaborado pelo estudante para analisar e inferir tanto ao contexto inicial que estabeleceu seu estudo quanto outros que, apesar de não estar ligado diretamente ao início, pode ser entendido pelo mesmo conhecimento.

Seguindo esta metodologia, o conto de fadas “A Branca de Neve” será trabalhado em sala de aula a fim da aplicação da proposta. Para alcançar o objetivo do segundo momento (organização do conhecimento), serão utilizadas atividades pedagógicas ligadas à alfabetização para contribuir com a compreensão do tema e da problematização realizada anteriormente. A aplicação do conhecimento também será demonstrada através de atividades pedagógicas, nas quais as crianças abordarão o conhecimento incorporado após análises e discussões tanto das situações iniciais como outras que poderão ocorrer no desenvolvimento do trabalho.

Em “Saberes necessários à prática docente”, Paulo Freire afirma que:

Ensinar exige criticidade, e que esta se constrói com a superação de uma curiosidade ingênua – impregnada pelo senso comum – para uma curiosidade epistemológica – orientada por princípios de pesquisa científica que ultrapassa a predisposição espontânea. Para que essa superação ocorra, serão necessárias mediações ativas mobilizadas por questionamentos que desafiem as crianças a refletir criticamente sobre situações reais que os cercam (Freire, 2022, p. 84).

É necessário refinar a curiosidade ingênua através da escrita, de modo que ela se aproxime gradativamente do objeto cognitivo com maior rigor, buscando a natureza e a origem do conhecimento. O professor deve cultivar a curiosidade e o pensamento criativo no contexto educativo (Freire, 2022).

Dessa forma, percebe-se que “essa ruptura da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica é uma das metas da Problematização Inicial dos 3 MPS, despertando o interesse do aluno para a aquisição de outros conhecimentos que ainda não detém” (Muencinem; Delizoicov, 2010, p. 92). Sendo assim, a mediação do professor instigando o estudante com questionamentos para os quais esse ainda não possui respostas, promovendo discussões, análises e comparações contribuirá com a superação dessa curiosidade ingênua buscando novos conhecimentos mais críticos e reflexivos. Entende-se, assim, que problemas propostos desencadeiam reflexões

que levam à criação de novas ideias, hipóteses e, conseqüentemente, à construção e reconstrução de novas compreensões sobre o mundo (Carvalho; Gil Perez, 1993).

No processo de formação de leitores críticos, é preciso focar nesses momentos de análise de mídia problematizando, refletindo, conhecendo outras formas de leituras já nos primeiros anos escolares. Outro aspecto importante é que os questionamentos levantados façam relação com o contexto em que estão inseridos, pois é primordial relacionar o que se lê e analisa com questões reais para que, além de curiosos e questionadores, os estudantes sejam também agentes de mudança na sociedade da qual fazem parte.

A análise de mídia pode ser mediada didaticamente por recursos como filmes, desenhos, músicas, conto de fadas, dentre várias outras possibilidades. A escolha do conto “A Branca de Neve” fora feita para que a partir dele as crianças sejam motivadas, mobilizando seus conhecimentos prévios sobre beleza, família, papel da mulher e do homem na sociedade, entre outros. O importante será desenvolver questões que se relacionem com a realidade que vivenciam e conhecem. O papel da Sequência Didática será o de gerar dúvidas, anseios e curiosidades, pois, como apresenta Delizocov, Angotti e Pernambuco (2009), o professor deve ater-se mais em sua função de questionar, provocar o pensamento crítico e estimular a reflexão do que simplesmente fornecer respostas prontas, enfim, despertar dúvidas que sejam elos para novas aprendizagens e maneiras de olhar um determinado assunto. Esses questionamentos acontecerão nos três momentos de desenvolvimento da Sequência Didática, não apenas na problematização propriamente dita.

No segundo momento, serão utilizadas atividades pedagógicas relacionadas ao tema e que contribuam com a alfabetização propriamente dita, já que essa é de suma importância para o grupo em questão e não deve ser banalizada, mas um elo entre a produção escrita, os conteúdos e suas reflexões sobre o tema. Daí a importância de veicular os conteúdos, as vivências e os conhecimentos prévios para se obter aprendizagens significativas.

Na última etapa, será o momento de retomar as questões iniciais discutidas e observar se as crianças conseguiram aprender os conhecimentos construídos. Para isso, serão utilizados diferentes recursos a fim de se fazer uma observação, desde atividades escritas, colagens a novas discussões sobre o papel da mídia escrita, nesse caso um conto de fadas.

Considerando o percurso de formação de professores em âmbitos sociais que estão em constante mudança, a escola não deve ficar passiva frente a essas transformações. Assim, é iminente a necessidade de observar e refletir sobre tais transformações, como pontua Molho (1970 apud Perrenoud, 1999, p. 202): “a sociedade está dentro da escola, assim a própria escola insere-se na sociedade”.

As transformações não ocorrem de maneira automática, mas a partir de uma análise minuciosa a respeito da função que a escola exerce na formação de seus estudantes. Nesse sentido, o professor assume um papel reflexivo e crítico. Freire (1996) define ação e reflexão como um conjunto coeso, pressupostos para uma práxis que busca o sucesso. Mudanças não ocorrem automaticamente. Para a resolução de situações complexas da atualidade, pode-se depreender, do enfoque situacional de Freire (1996), que é necessário combinar pequenos passos com grandes objetivos e não esquecer os grandes objetivos, por causa dos pequenos passos. “É preciso ter paciência, mas não a de dóceis ovelhinhas, e sim uma paciência impaciente” (Freire, 1996, p. 83). Por esse motivo, esse processo é de suma relevância para a transformação do ensino da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O diálogo e a reflexão potencializam os acontecimentos trazendo valor e significação ao aprendizado, possibilitando criar ou reforçar verdades sobre si e sobre o mundo.

A leitura de contos de fadas de maneira reflexiva nos anos iniciais oportuniza à criança um novo olhar na maneira de ouvir e ler histórias. Quando o professor estimula essa ação, está abrindo caminhos para que essa criança aprenda e amadureça sua autonomia como leitor crítico.

Nesse contexto, há a necessidade de realizar a análise crítica sobre as representações inseridas nos contos de fadas. Os momentos de leitura direcionados às crianças precisam ser repensados, a fim de permitir aos estudantes que problematizem as situações postas, façam relações e comparações com o cotidiano que vivenciam e as experiências que têm, oportunizando tornar-se um sujeito pensante. Para que isso ocorra, é imprescindível que os professores que direcionam o trabalho de formação de leitores nos anos iniciais reflitam e tenham cuidado prévio com a forma que apresentarão a leitura aos estudantes.

As crianças estão inseridas em vários grupos sociais e trazem, dessas vivências, muitos conceitos arraigados. Quando entram em contato com as mídias, há uma transformação que se insere nas maneiras de agir, pensar e sentir, “que o ser

humano traz incorporado pelo seu grupo social de pertencimento, mesmo que não demos conta dela conscientemente” (Couto; Menezes, 2010, p. 3).

A sociedade contemporânea possibilita às crianças, desde a idade infantil, serem envolvidas por diversos estímulos, visuais e sonoros transmitidos por mídias impressas como livros, jornais, revistas, gibis; mídias transmitidas sendo rádio, televisão, internet, redes sociais, celulares etc. Os primeiros contatos se dão no âmbito familiar, contudo ele se estende a outros, como a escola. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta a educação midiática como uma das competências a serem desenvolvidas na escola. Para implementar a disciplina em um cenário tecnológico, a BNCC propõe aos educadores que apliquem atividades utilizando ferramentas digitais.

Vale ressaltar que a BNCC é o documento que define o conjunto de aprendizagens básicas que todos os estudantes do país devem desenvolver ao longo da Educação Básica, elencando 10 competências gerais que asseguram seus direitos de aprendizagens. A primeira competência elencada na Base está diretamente ligada à educação midiática, pois menciona a valorização e utilização dos conhecimentos cientificamente e históricos construídos pela humanidade para a nossa percepção, e entendimento do mundo ao nosso redor, com engajamento contínuo em busca de conhecimento e justiça social. Vale destacar que a segunda competência ressalta a importância de exercitar o desejo de aprender, a reflexão, a criticidade e a criatividade. As demais competências também mencionam a comunicação, a cultura digital, entre outros pré-requisitos que devem ser desenvolvidos durante a Educação Básica para que haja sujeitos capazes de resolver desafios, criar soluções, serem críticos e com autonomia intelectual, para serem agentes de transformação no contexto em que estiverem inseridos na sociedade.

Analisar os contos de fadas se faz importante, já que envolve relações interpessoais, importantes no desenvolvimento do indivíduo, construindo sua identidade no decorrer da vida e das relações culturais. Assim, a cultura construída ao longo dos anos é transmitida para os sujeitos em processo de formação, os quais não se separam da situação cultural em que crescem. Para Rego (2011, p. 123), “A mídia, ao desempenhar considerável influência na atualidade, mostra-se responsável por mediar a formação de conceitos, padrões, compartilhar valores, ditar regras e promover estímulos às crianças”. Segundo Fischer (1997) as mídias exercem um papel fundamental e marcante na construção do pensamento dos indivíduos.

Desta forma, faz-se necessário verificar as peculiaridades que envolvem a literatura infantil na atualidade. Quais acontecimentos a circundam, analisando questionamentos acerca da mídia que são significativos para as representações as quais estão sendo formadas dentro de nossas escolas. Hoje, os professores podem ensinar novas formas de leitura, ainda que seja dos contos de fadas clássicos, os quais não são obras contemporâneas.

O papel do professor frente ao trabalho com mídia implica, de um lado, desafios e renovação em sua atuação na sala de aula; contudo, possibilita uma oportunidade de explorar a criticidade e a reflexão de seus educandos frente aos conteúdos trazidos pela mídia impressa, possibilitando que essas habilidades se estendam a todo o cotidiano escolar e social. Guimarães (2022) contribui nesse sentido afirmando que a difusão de narrativas padronizadas na atuação desses meios junto aos alunos se limita a lhes entregar informações pré-fabricadas, transformando-os em receptores passivos. Para que a criança não se torne esse receptáculo de informações pré-estabelecidas e com objetivos implícitos, é importante que o professor crie diálogos e estratégias em que elas aprendam a identificar as mensagens apresentadas, refletir sobre elas e produzir outras que sejam condizentes com sua realidade. Dessa forma, instigar o aluno a questionar, debater, levantar hipóteses e refletir sobre o que lhe é apresentado é o início de um novo olhar sobre o que a mídia oferece, podendo se estender para outros tipos de mídias que não sejam a impressa, como os filmes, desenhos, redes sociais etc. Esse novo olhar sobre a mídia trará significado para o que leem e aprendem, fazendo da escola um lugar de aprendizagem significativa, e não um espaço onde se deve apenas ouvir e memorizar, tornando o aprendizado algo vazio. Paulo Freire reflete sobre o papel da escola:

A escola não é, não podia ser, nem deveria ser, um espaço em que uma, duas dúzias de meninos foram condenados, vêm passar o dia ou a tarde com uma pessoa, de certa maneira também condenada. Condenada a quê? Um a falar, outros a ouvir coisas que nem sempre estão ligadas com a experiência vital, existencial, nem daquele que dita nem daqueles que ouvem (Freire, 2022, p. 53).

Essa reflexão se torna imprescindível, já que deve-se rever o papel da escola como um espaço que busque valorizar o debate, a criação, a aprendizagem e a contextualização, deixando para o passado seu papel de espaço de memorização, seleção e transmissor de regras e padrões. Assim, o professor deve ser o elo para

fazer essa mediação reflexiva entre as crianças e a mídia que será utilizada no processo de ensino e aprendizagem. Paulo Freire, em seu livro “Educar com a mídia”, ressalta que existe um sistema ideológico que manipula a compreensão do mundo, o que é belo, ou não, da sensualidade, da linhagem, da classe social a qual pertence. Para a manutenção da ideologia precisa-se da classe dominante, isso está normalizando na sociedade contemporânea (Freire, 1996).

Os contos de fadas apresentam essas ideologias em grande escala, tornando o ambiente escolar propício para perpetuar a ideologia imposta pela sociedade através dos tempos.

Ao preparar uma aula de leitura, o professor precisa ter claro, como uma exigência prévia, quais objetivos quer atender, qual reflexão quer instigar e, principalmente, que tipo de cidadão quer formar. A escola que aliena seus alunos é a mesma que pode transformá-los e, para que haja transformação, faz-se necessário um ponto de partida. Assim, o professor dentro de sua sala de aula pode dar início a essa mudança com pequenos passos.

A comunicação é um instinto natural do ser humano, bem como a apropriação da cultura do meio em que está inserida. Nos primórdios, as crianças recebiam a cultura apenas da localidade da qual faziam parte; assim, os costumes, os ofícios e as tradições eram passados de geração em geração. Isso foi se transformando à medida em que houve avanço da tecnologia e da mídia, a comunicação deixou de ter caráter local para ter um caráter contemporâneo e global. Passou-se a ter a possibilidade de acessar informação e conhecimento de forma rápida e, muitas vezes, em tempo real. Devido a isso, a aprendizagem deixou de ser estabelecida somente na família e na escola.

O ser humano não forma conceitos, pois, naturalmente ele é afetado pela comunicação decorrente das relações estabelecidas pelo meio, como a mídia. Os contos de fadas estão presentes na maioria das escolas e, ainda que não sejam lidos frequentemente, estão ali à disposição das crianças nas bibliotecas e cantinhos da leitura, encantando o imaginário infantil. O professor é o sujeito que pode fazer a mediação entre o mundo da leitura e a criança, oportunizando a ela ferramentas para se desenvolver como leitora. Dessa forma, construir o conhecimento consiste em uma via de mão dupla, sendo que é por meio da mediação do professor que a criança adquire conhecimento. Facci afirma que:

Nessa perspectiva, o traço fundamental do psiquismo humano é que este se desenvolve por meio da atividade social, a qual, por sua vez, tem como traço principal a mediação por meio de instrumentos que se interpõem entre o sujeito e o objeto de sua atividade. As funções psicológicas superiores (tipicamente humanas, tais como a atenção voluntária, memória, abstração, comportamento intencional etc.) são produtos da atividade cerebral, têm uma base biológica, mas, fundamentalmente, são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos (Facci, 2004, p. 66).

Dessa forma, quando a escola utiliza ferramentas midiáticas como instrumento para aprendizagem, está diretamente fazendo essa interação entre sujeito e os recursos criados pelo homem, facilitando e promovendo novas formas de aprender.

## **2.2 A educação midiática e a BNCC**

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), o Eixo Leitura engloba as práticas de linguagem que deriva da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua compreensão, sendo exemplos de leituras para apreciação estética, estudo e fundamentação de trabalhos escolares e acadêmicos; efetivação de procedimentos; diálogo social e intelectual sobre temas relevantes; ter mais conhecimento que possibilite a realização de projetos pessoais, entre outras possibilidades.

O documento traz, também, a abordagem integrada para leitura e suas práticas sociais, como por exemplo estratégias e procedimentos de leitura que compreendem, entre outros procedimentos, estabelecer relação entre o texto e os conhecimentos anteriores, vivências, valores e crenças; interpretar ou deduzir informações implícitas; aprender os sentidos completos da narrativa interpretando criticamente textos multi-modais.

O documento ressalta, ainda, sobre as práticas de leitura, a importância de se abrir a novas possibilidades literárias, que rompam com o convencional e que representem um obstáculo em relação às suas oportunidades atuais, bem como às experiências anteriores de leitura, alicerçando-se nas marcas linguísticas em seu repertório sobre os gêneros e a temática nas orientações fornecidas pelo docente. Dessa forma, a escola necessita desenvolver seu trabalho numa perspectiva contextualizada com a vivência dos educandos, bem como à sociedade em que estão inseridos para que as habilidades de leitura, escrita e oralidade ocorram mediadas

pela prática e diferentes objetos de conhecimentos. Portanto, o processo de leitura desenvolvido nas instituições escolares é indispensável para formar leitores.

Considerando tais aspectos, vale ressaltar que o Referencial Curricular do Paraná desenvolve, em sua rede de ensino, o conjunto orgânico e progressivo de aprendizados normatizados pela BNCC, além de ampliar o proposto para atender às especificidades de cada componente curricular. Outro documento que pontua a importância da leitura e da escrita é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9.394/1996 (LDB), a qual pontua que os estudantes deverão desenvolver a capacidade de aprender por meio do pleno domínio da leitura, da escrita, compreender o contexto social e cultural, contemplando sua relação com o mundo ao seu redor e sua capacidade de agir de forma autônoma e reflexiva.

Dessa maneira, quando a sala de aula propicia situações de leitura, desenvolve, também, situações de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades de aprendizagem, levando a criança a novas descobertas, revelando e explorando mundos antes desconhecidos. A BNCC pontua a leitura num sentido amplo, referindo-se não somente ao texto escrito, mas também às imagens estáticas (fotos, pinturas, desenhos, esquema gráficos, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som da música que está presente e cossignifica em diversos gêneros digitais.

Portanto, nossa pesquisa engloba tanto a leitura do texto do conto de fadas, como as figuras e o filme.

### **2.3 Formação do cidadão crítico**

Pensar sobre a importância da leitura está intrinsecamente ligado a outra ação da humanidade que é o ato de escrever. Paulo Freire (1998) diz que o processo de leitura é anterior ao da escrita o que é um fato, já que trazemos uma infinidade de conceitos anteriores à habilidade de registrar códigos. O autor diz, ainda, que a alfabetização não é um ato mecânico de técnicas, mas um processo de tomada de consciência sobre a importância da leitura e da escrita, na qual o sujeito se torna protagonista desse aprendizado. Dessa forma, a alfabetização é tida como mais que um simples domínio de técnicas de leitura e escrita.

O processo de leitura e escrita desenvolvido no espaço escolar é indispensável para a formação do leitor crítico, daí a importância de alfabetizar letrando. Soares (2009) pontua que alfabetizar e letrar são duas coisas distintas, mas

não indissociáveis: o perfeito seria alfabetizar letrando, ou seja, capacitar o uso da leitura e da escrita em diferentes situações sociais e com diferentes propósitos.

Quando se alfabetiza letrando, a criança será integrada à cultura da sociedade da qual faz parte. Nesse processo, o papel dos educadores é de suma importância, pois irão atuar como facilitadores, incentivando e orientando a criança a ter acesso ao rico mundo da leitura que desponta através de sua vida escolar. O papel do educador que opta pela mudança na maneira de inserir a leitura a seus alunos, que cria possibilidades de novas vertentes para incentivar essa prática, é de oportunizar a desmitificação que é trazida dentro do contexto das histórias infantis, especialmente nos contos de fadas. Se a criança é estimulada e ensinada a criar, refletir, questionar, crescerá ampliando seus conhecimentos, compreendendo o mundo à sua volta e sendo agente transformador da realidade na qual está inserida. Paulo Freire (1998) diz que o propósito do ser humano deve ser de criação e transformação do meio em que está inserido, sendo sujeito de sua ação.

Dessa forma, quando a alfabetização e o letramento acontecem de forma significativa conectam a criança ao mundo, como afirmam autores como Rangel e Rojo:

Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos (Rangel; Rojo, 2022, p. 87)

Quando o professor faz juntamente com seu aluno uma leitura reflexiva da mídia impressa que tem a seu alcance, quando ela é analisada, questionada, enfim, esmiuçada desde o seu texto a suas imagens, esse professor está envolvendo uma leitura que o capacitará a entender as mensagens escritas e as subliminares, atribuindo sentido à leitura que ouve e, posteriormente, a que fará com autonomia. Espinoza (2004) aponta que é preciso criar desafios que gerem questionamentos intrigantes sobre o tema de estudo e possibilitem que os estudantes mostrem suas concepções por meio de diálogos, desenhos e escritas, pois, ao final da leitura, eles já terão uma compreensão inicial do assunto, diferente da que possuíam no início dos trabalhos.

Ao propor uma leitura aos alunos, o professor deve ter clara qual a sua intencionalidade, envolver a turma, contextualizar, provocá-los a fazer interações

entre o leitor e o texto, para que eles encontrem maneiras de pensar diferente do que está posto, possibilitando a sua própria interpretação.

Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (1996), contribui afirmando que o professor progressista não pode negligenciar o dever na sua prática docente, mas estimular a criatividade, a reflexão e a autonomia de seus educandos. Nesse sentido, é necessário desenvolver com os discentes uma abordagem sistemática e organizada no processo de ensino e aprendizagem, no qual o educador busca aprofundar seu conhecimento através de uma análise crítica e cuidadosa do objeto de estudo.

Para tanto, há a necessidade de educadores que instiguem seus educandos à curiosidade, à reflexão e ao questionamento, para que saiam desse perfil de meros depositários a sujeitos reflexivos com condições de aprender criticamente a ação de ler. Se as pessoas estão imersas numa sociedade que dissemina o discurso que deseja ser visto como bom e verdadeiro para seus cidadãos usando como recurso a ação de ler como manobra de manipulação, que estão diretamente vinculadas àquilo que interessa à sociedade que detém o poder, é de suma importância a escola fazer seu papel de instituição que rompe com essa dominação.

Portanto, quando o professor inicia com as crianças um trabalho de leitura que orienta à problematização diante de estereótipos, está também evidenciando para os pequenos essas relações de poder que a mídia dissemina a partir do público infantil, estendendo-se ao decorrer da vida. Aprender e usar a leitura de forma crítica faz toda a diferença na formação do sujeito, e a escola é um ambiente fértil para que isso ocorra, desde que estimule a reflexão partindo das coisas mais simples e encantadoras para as crianças, como a utilização de contos de fadas.

No decurso da vida, os indivíduos vão construindo-se como sujeitos e desenvolvendo sua identidade por meio das relações culturais. Foucault (1987, *apud* Veiga-Neto, 2017), ao pesquisar como os seres humanos se tornam sujeitos, denominou três modos de subjetivação, ou seja, processos através dos quais nos tornamos sujeitos: primeiro, a forma que o sujeito se constitui diante dos saberes; segundo, em relação às práticas de poder e, terceiro, o pensamento sobre si. O termo sujeito, para Foucault, possui dois significados: o sujeito que se permite depender de alguém e aquele que assume sua própria identidade (Foucault, 1987, *apud* Veiga-Neto, 2017).

Baseando-se no conceito anterior de sujeito, percebe-se a relevância da prática da reflexão. Dessa forma, problematizar as mensagens transmitidas pela mídia deve ser uma conduta ensinada desde muito cedo à criança. O professor é o indivíduo que direciona o âmbito da sala de aula, é quem tem a posse do discurso, logo, é o responsável por oportunizar momentos de debates e reflexões frente à mídia no contexto escolar, com o objetivo de possibilitar novos conhecimentos e nutrir as camadas que firmam o sujeito. Veiga-Neto (2017) afirma que essas camadas compostas por diferentes formas de discurso e ações, assim como diferentes saberes quando analisados e questionados, podem desvendar a identidade do sujeito, como ele chegou a ser o que acreditamos e como se constituiu historicamente tudo isso que dizemos dele.

Portanto, a mídia traz intencionalidades que contribuem com a formação de representações. O discurso pode parecer desprendido de intenções, entretanto, é carregado de interesse e de poder (Foucault, 1970), sendo através dele que o poder ganha visibilidade, podendo construir ou não verdades que subjagam os indivíduos.

Pensar e analisar as características trazidas pelas mídias impressas, como os contos de fadas, que acontecimentos os envolvem, o que as imagens revelam e discutir isso com as crianças proporciona conhecimentos que essa mídia envolve. Dessa forma, esses questionamentos são relevantes para considerar as representações que estão sendo formadas. As histórias infantis, muitas vezes, são oferecidas em momentos de ociosidade da criança, quando terminam uma atividade e aguardam os demais colegas ou em momentos de descontração, sem objetivo de aprendizagem e reflexão a respeito das apresentações trazidas. Kellner (2013) propõe um letramento midiático e as competências cognitivas para uma literatura crítica de imagens. Os contos de fadas utilizam discursos e imagens que determinam estereótipos aceitáveis pela sociedade. Dessa forma, essa leitura precisa ser debatida e os professores devem perceber como os infantes interagem com esses discursos e imagens apresentadas, sendo essa uma possibilidade de compreender como se compõe a formação da criança.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Art. 19, estabelece que toda pessoa tem o direito à liberdade de expressão e opinião, podendo, sem interferência, comunicá-las através de qualquer meio (Brasil, 1948).

É nesse contexto que se faz necessária a alfabetização midiática, já que a mídia possui diferentes formas para influenciar e manipular. A mediação do professor

deve ser o primeiro passo rumo a uma conduta contrária à passividade do sujeito, uma vez que o aluno precisa ser estimulado e ensinado a pensar e tomar suas próprias decisões. Propiciar um pensar reflexivo e autônomo se dá por meio de oportunidades que surgem nos momentos do cotidiano escolar, como na leitura de um conto de fadas. Para tanto, é de suma importância o professor considerar as experiências vividas pela criança e todo o contexto que a circunda, já que cada uma tem suas vivências sociais, características da idade, bem como suas peculiaridades.

Nesse contexto, a formação de professores também deve ser considerada, já que são eles os mediadores da aprendizagem e precisam ter uma postura profissional que seja aberta a acolher as necessidades das crianças e levá-las a uma alfabetização que seja mais do que decifrar códigos, mas alfabetizar letrando e instigando a autonomia para fazer inferências. Para Foucault (1994, p. 9), “ler é problematizar, porque se pode mudar a ênfase dada pelo autor a cada uma das páginas”. Parafraseando Michel Foucault, o que nos importa descobrir já está no texto, basta saber ler, e é o professor que fará essa mediação de leitura e inferências.

Dessa maneira, quando a sala de aula propicia situações de leitura, desenvolve, também, experiências de aprendizagem que promovem o desenvolvimento intelectual, levando a criança a novas descobertas, revelando e explorando mundos antes desconhecidos.

#### **2.4 Formação de professores para o uso midiático**

Levando em consideração o processo de formação de professores no decorrer da vida acadêmica em contextos sociais que possuem como elemento primordial as transformações, a escola não pode permanecer imutável frente a essas transições, mesmo porque essas mudanças não ocorrem automaticamente e, sim, a partir de profundas reflexões sobre o papel da escola como formadora responsável do sujeito que está sob seu aparato. Nesse sentido, “o docente assume um papel reflexivo e crítico inserido em um processo que, ainda que não se realize de forma integral, pode trazer orientações e reformas significativas” (Perrenoud, 1999, p. 28). As últimas décadas foram marcadas por um sistema educacional que primava por um docente técnico-especialista com a função de dominar e transmitir conhecimentos científicos. Na atualidade, o papel do professor vem se transformando, tendo como características o trabalho reflexivo, aquele que provoca o aluno a pensar, questionar e participar da aula efetivamente, deixando no passado seu papel de mero espectador.

Dessa forma, os Estudos Culturais (doravante EC) nos auxiliam com a compreensão de que a ação docente não pode ser reduzida a transmitir conhecimentos científicos trazidos nos livros considerados ideais para a transmissão da cultura, mas valorizar a cultura em sua totalidade. Conforme Giroux,

Os estudos culturais rejeitam, energeticamente, o pressuposto de que os professores são simplesmente transmissores de configurações existentes do conhecimento. Como intelectuais públicos, os acadêmicos estão sempre implicados na dinâmica do poder e conhecimento social que produzem, medeiam e legitimam em suas salas de aula. Nesta perspectiva, o trabalho intelectual fica incompleto a menos que, autoconscientemente, eles assumam a responsabilidade por seus efeitos na cultura pública mais ampla (...). Os Estudos Culturais desafiam o papel tradicional do professor como meros transmissores de informação. Eles insistem que os professores são produtores culturais profundamente implicados nas questões públicas e fornecem uma nova linguagem para educar professores e os administradores em torno da questão do serviço público (Giroux, 1997, p. 93).

Neste contexto, a formação de professores com habilidades para analisarem criticamente as imagens e discursos midiáticos é um trabalho que exige ser abordado com ética e seriedade, sobretudo porque estamos cercados pelas mídias o tempo todo. Não é pertinente pensar em mídia apenas como um recurso que pode ser inserido no currículo escolar, ou simplesmente oportunizar à criança a utilização de mídia. Trata-se sobre a reflexão dos professores e sua formação no que tange a pesquisa, pelo uso dos Contos de Fadas.

Na perspectiva de educar, Paulo Freire (1996) comenta que, na atualidade, é inconcebível implementar uma prática educativa que não priorize a reflexão crítica sobre o conteúdo e o propósito da educação, ao invés de se preocupar apenas com transmissão de conteúdos. É essencial realizar uma educação que questione o porquê, o para quê e para quem, em que o educador prime pela participação de todos, valorize o contexto e o conhecimento de mundo de cada estudante, desenvolvendo estratégias para relacionar linguagem e cidadania.

A criticidade na postura do docente é outra dimensão freiriana indispensável quando pensamos na formação e atuação de professores, já que eles estão imersos na realidade escolar, deparando-se com as contradições, conflitos e todos os obstáculos que esse ambiente oferece. O professor deve estar preparado para atuar num contexto emancipador, sempre questionando o quê e para quê desenvolverá as atividades e conteúdos propostos. Para Freire (1996), é um ato intencional, não neutro, pois envolve escolhas políticas e ideológicas.

O grande desafio dos cursos formadores é inserir em seus currículos a utilização de temáticas atuais que estão intrinsicamente ligadas a questões que afetam diretamente a vida de forma crítica e contextualizada, para que se promovam aprendizagens significativas, fornecendo pré-requisitos para novos conhecimentos.

No que tange à organização do currículo, suas características e objetivos, o educador Marcos Masetto afirma que:

(...) organizar um currículo é definir as características que pretendemos que os profissionais formados por este curso desenvolvem quanto ao conhecimento, às habilidades humanas e profissionais, e aos valores e atitudes; exige princípios claramente postos com relação a integração da teoria com a prática e a integração de conhecimentos e, por conseguinte das disciplinas e atividades propostas; impõe a definição de princípios para um trabalho docente colaborativo e integrado, e dos princípios que orientarão o processo de aprendizagem, a seleção de recursos e meios, a seleção e organização dos conteúdos a serem tratados e o processo de avaliação. Não se poderá deixar de considerar a relação esperada entre os participantes do processo de aprendizagem (Masetto, 2003, p. 69).

As universidades que formam profissionais da educação são responsáveis por organizar e colocar em prática o currículo que influenciará permanentemente essa formação, buscando capacitar profissionais para o exercício da docência com o comprometimento em criar ambientes que encorajam o diálogo, a discussão e o respeito, e que sejam capazes de adquirir conhecimentos e habilidades necessárias para a construção de uma sociedade onde haja mais justiça e equidade.

(...) desejamos remodelar a educação do professor enfocando-a como um projeto político, como uma forma de política cultural que defina os futuros docentes como intelectuais responsáveis pela criação de espaços públicos onde os alunos possam debater, assimilar e adquirir o conhecimento e as habilidades necessárias à luta rumo a concretização de um mundo mais justo e humano (Moreira; Silva, 2005, p. 140).

Levando em consideração todas essas transformações sociais que atingem diretamente desde a formação profissional até alunos das séries iniciais, é preciso ter claro que os alunos mudaram, as culturas se modificaram, novos modos de aprender e ensinar surgem, novas expressões aparecem, como “nativos digitais”, uma referência usada por Prensky, em 2001, para denominar os nascidos nos anos 1980 que cresceram junto com o avanço tecnológico. O autor ressalta que o sistema educacional contemporâneo não está mais alinhado com as características e necessidades dos estudantes atuais (Prensky, 2001). Diante de tudo isso, é inevitável

refletir como os docentes estão desenvolvendo seu trabalho dentro de um sistema repleto de mudanças tão significativas. A formação continuada é uma maneira de estabelecer ressignificação de novos fundamentos para atuar no processo de aprendizagem do estudante.

A BNCC (2017), por exemplo, traz direcionamentos ao docente para atuar de forma mais atualizada. O documento aponta, entre outras informações, as dez competências gerais que a educação básica deve assegurar ao estudante. Essas competências são fundamentadas na junção de saberes, habilidades, atitudes e valores que auxiliam a resolução de problemas na vida cotidiana. O profissional que está em constante formação saberá utilizar documentos como esse para refletir e rever sua prática sempre que necessário. Dessa forma, a constante busca por formação é vista como facilitador do processo educativo dos profissionais que atuam na área educacional.

Refletir, estudar, pesquisar, colocar em prática as inovações da atualidade no âmbito educacional é um desafio antigo e importante, contudo, que ainda exige muito incentivo para ter êxito. Se inovação requer mudanças, criação e novas possibilidades no processo educativo, devemos estabelecer novas estratégias para desafios antigos. Se atualizar resulta em colocar novas maneiras de atuação frente a práticas educativas que surjam como impróprias ou ineficazes.

Introduzir na prática essas reflexões e mudanças é um desafio, visto que substituir o “costume” dos profissionais traz um estranhamento e, frequentemente, contrariedades em aceitar possíveis inovações, muitas vezes por já estarem saturados de tentativas fracassadas. A melhoria na qualidade educacional deve vir acompanhada de políticas educacionais que realmente estimulem e proporcionem o incentivo e a formação necessária para que as mudanças desejadas saiam do âmbito das discussões e cheguem, de fato, à sala de aula, provocando as transformações necessárias em nossos docentes e discentes. Dessa forma, a educação cumprirá seu papel de agente transformador na sociedade.

As inovações trazidas pelos novos tempos, no que tange à análise de mídias, são de suma importância. Discutir sobre a relação que as crianças mantêm com a mídia, analisar a percepção dos professores e conscientizá-los acerca da influência de seus discursos e a maneira que exploram essas mídias com seus alunos é imprescindível para romper com os paradigmas impostos ao longo do tempo.

O conto de fadas, um tipo de mídia impressa que circunda o universo infantil, tornou-se um meio explorado pelo mundo empresarial para obtenção de lucros. Ao criar objetos comerciais com personagens dessas histórias, esses transmitem a sensação de felicidade, padrão de beleza etc., remetendo ao produto a capacidade de transformar suas vidas quando estão de posse de tal objeto. Quando o professor está preparado e desenvolve um bom trabalho acerca da análise desses contos em sala de aula, provoca em seus alunos um novo olhar quando lhes são apresentados leituras, personagens padronizados e até mesmo a relação desses contos no que tange à venda de produtos. Sobre a importância da formação e da prática docente, Paulo Freire (2022) nos fala que educar exige crítica sobre a prática pedagógica, em que docente e discente se engajam num processo de descoberta e transformação da realidade na qual estão inseridos.

Essa formação terá influência direta na forma como irão atuar em sala de aula, mobilizando questionamentos e reflexões que desafiem as crianças a pensarem criticamente sobre seu contexto.

## **2.5 A importância do Plano de Aula**

As ações docentes intencionais estão sempre vinculadas a um planejamento prévio, que possibilita ter uma visão de novos objetivos, estratégias, conteúdos, enfim, serve como parâmetro para a organização das atividades programadas, sendo referência para as ações. O planejamento requer o estudo de abordagens para melhor atender o contexto em que será aplicado. Vale ressaltar que, no sistema educacional, temos o Plano de Escola, o Plano de Ensino e Plano de aula, cada um com sua peculiaridade e importância para o bom desempenho educacional. Daremos ênfase ao Plano de Aula e sua relevância à prática docente, já que esse contempla os conteúdos, os objetivos, as metodologias, o tempo necessário para aplicação das atividades propostas e, geralmente, é organizado semanalmente, norteando o trabalho do professor.

O planejamento enquanto construção-transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para a ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isso é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas provendo o desenvolvimento da ação no tempo (Vasconcelos, 2000, p. 79 apud Gama; Figueiredo, p. 3).

Para o professor obter êxito em seu planejamento, precisa ter claro os objetivos que busca alcançar. Libâneo (1994), um estudioso do assunto, ressalta que a função de planejar é facilitar o desenvolvimento da aula, evitando o imprevisto e a assegurando a coerência e realização à prática. É importante, ainda, que o Plano de Aula esteja alinhado com o contexto no qual será desenvolvido para que tenha significado aos estudantes. Freire (1995) afirma que todo planejamento deve refletir e atender aos valores e características específicas da sociedade a qual se busca mudar.

Para Libâneo (1994, p. 48), “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Dessa forma, o Plano de Aula é a medição entre o que o professor deseja ensinar teoricamente e o ensino na realidade concreta, na qual se buscam práticas educativas vinculadas às necessidades das crianças e da sociedade.

Embora muito se tenha enfatizado no campo educacional sobre a importância desse plano, ainda há muito repúdio por parte de professores, que o veem apenas como mera formalidade para apresentar à gestão escolar, desmerecendo todo o auxílio que ele promove se bem elaborado.

As ações humanas são permeadas pelo planejamento, desde o simples ao complexo. A educação, como parte integrante das ações humanas, não pode estar desvinculada de um planejamento consciente e intencional, que vise um bom desempenho do docente possibilitando um aprendizado significativo.

Nélio Parra, em sua obra “Planejamento de Currículo”, citado por Sant’anna et al (1995), define planejamento como o processo contínuo que se importa com o direcionamento e estratégias adequadas para atingir um objetivo, levando em consideração o contexto atual e futuras possibilidades para que o progresso educacional assista às necessidades de demandas sociais, bem como individuais.

Nesse sentido, quando o professor elabora seu Plano de Aula com a intenção de desenvolver leitores críticos, é necessário um olhar apreciativo e reflexivo sobre como irá mobilizar competências para que desenvolva em seus alunos habilidades que os possibilitem utilizar a mídia impressa de maneira coerente, fazendo inferências sobre o que lê, e tendo autonomia sobre o que lhe é posto, deixando de ser um mero leitor passivo. Para Sant’anna (1995), esse planejamento trata do processo que busca otimizar a ação educativa, tornando-a mais eficiente e produtiva, direcionando as ações pedagógicas.

Portanto, fica a critério do professor a definição de quais objetivos deseja atingir e quais estratégias colocará em prática dentro do contexto em que está inserido, para chegar ao que almeja. Fica assim evidenciada a relevância do processo de planejar como fator que estabelece as atribuições de liderar, organizar, controlar, programar e projetar, tornando-se imprescindível para o desempenho do professor e a aprendizagem do aluno, sendo o Plano de Aula uma necessidade educativa no cotidiano escolar. A literatura infantil, que está presente neste cotidiano, contribuindo com a formação de conceitos, valores e regras, é balizada pelo convívio social e pela cultura produzida ao longo da história. Dessa forma, faz-se necessário, ao professor contemporâneo, atualizar novas perspectivas na maneira de explorar esses contos infantis. Segundo Morin (apud Ferrari, 2005, p. 89), é primordial um novo modelo de educação. É necessário reinventar um modelo educacional, já que estamos inseridos em um contexto que visa a oportunidade de difundir um modelo novo de pensamento que sugere uma nova forma de comunicação. Portanto, conceituar interatividade pode denotar reinvenção no sistema educacional que prima pela valorização da vida e do futuro.

Para Freire (1997), sobre esse aspecto, a análise reflexiva, ponderação crítica da ação, avaliação dialética da prática, enfatiza a necessidade de um olhar atento e questionador para evitar que a teoria se torne abstrata e a prática mecânica. Luckesi (1998, p. 89) contribui afirmando que “o plano de aula não pode ser encarado como ação puramente formal, mas como uma ação viva e decisiva, pois é um ato político decisório”.

Nesse contexto, o plano de aula é o “objeto” organizado pelo professor para conduzir sua prática sem perder de vista seus objetivos frente ao desenvolvimento dos alunos, por isso suas ações devem ser planejadas baseadas em reflexões críticas para que atendam características e necessidades do contexto em que irá atuar, promovendo o engajamento dos alunos em seus processos de aprendizagens. Freire (1997) enfatiza que a teoria deve ser aplicada à prática e não meramente abstrata ou vazia de significado.

Portanto, o plano de aula baseado numa perspectiva crítica deixa de ser apenas um roteiro com conteúdo, objetivos, metodologia e avaliação, tornando-se um direcionamento para a organização da prática no sentido que se intenciona. Também possibilita ao docente refletir sobre sua atuação, compreender os desafios e possibilidades contextualizadas e, a partir disso, construir sua ação docente, que deve

estar sempre sendo realimentada e repensada, já que a sociedade vive em constante mudança.

## **2.6 A linguagem como mediação**

A partir das contribuições de Semenovich Vygotsky, destaca-se que ele pontua sobre o desenvolvimento humano e o quanto ele é desenvolvido pelo contato com o meio em que o sujeito está inserido. Para entender a mediação do professor, Vygotsky (2007, p. 57) “não acredita no desenvolvimento cognitivo dissociado do meio em que o sujeito está inserido”. Dessa forma, tanto o contexto cultural, histórico e social afeta decisivamente o desenvolvimento. A abordagem Vygotskyana aponta que a interação recíproca dinâmica entre indivíduo e ambiente deve ocorrer ao longo da vida, influenciando um sobre o outro. Portanto, a criança, através de suas relações sociais e culturais, produz seu conhecimento, o qual é estimulado instantaneamente pelo mundo externo, podendo esse ser a família, os amigos ou o professor, sendo que essas trocas possibilitam a aprendizagem.

Para Vygotsky (2007, p. 68), “a mediação se dá a partir de três aspectos: signo, palavra e símbolo”. O autor conceitua signo como “criações artificiais; estruturalmente são dispositivos sociais e não orgânicos ou individuais”; dessa forma, são dispositivos utilizados na interação social do contexto no qual o sujeito se insere. Já a palavra, para o autor, “não é apenas um meio para compreender os demais, senão também a si mesmo [...]”. O terceiro aspecto para construir a “mediação é o símbolo”, que ele destaca como “uma criação do homem que faz parte da cultura”. Dessa forma, a “atividade simbólica influencia diretamente na construção do sujeito”. O autor (Vygotsky, 2007, p. 69) acrescenta que as “relações sociais e interações se convertem em funções psicológicas superiores por meio da mediação”. Sobre as funções psicológicas superiores, pode-se afirmar que Vygotsky (2007) se deteve nos estudos dos processos mentais, característicos do ser humano, como conscientemente controlar a atenção, memórias, pensamentos, raciocínio lógico, habilidade de se planejar, entre outros.

O autor Moreira ressalta que: “essas funções não são inatas às questões humanas, e que acompanha o sujeito desde seu nascimento, as funções psicológicas superiores desenvolvem-se na relação com o meio o qual o sujeito está inserido”. Moreira (2019, p. 110), afirma ainda que a “interação social é, portanto, na perspectiva Vygotskyana, o veículo essencial para a transmissão do conhecimento social e cultural

produzido”. Dessa forma, a sala de aula, os conteúdos, o professor e os recursos que ele utiliza estão diretamente veiculados à formação da criança, já que ela passa grande parte de seu tempo interagindo nesse espaço desde muito cedo. Quando o aluno é desafiado a expor suas ideias, a levantar hipóteses, refletir sobre temas e dar sua opinião, ouvir o outro respeitando seu ponto de vista, ele terá oportunidade em se integrar mais amplamente aos seus processos de socialização e aprendizado. O professor é o sujeito que pode facilitar esse ambiente durante suas aulas de leitura. Através dessas estratégias, a criança expressará o que sente, o que sabe, o que desconhece, suas curiosidades e seus medos. Dessa forma, é importante ressaltar que, com base em Vygotsky, o desenvolvimento é o processo que inicia no meio e reflete internamente, baseando-se no conceito de mediação como alicerce. Rego (2011, p. 28) contribui pontuando que, para Vygotsky, “a internalização se dá por meio das práticas que são adquiridas pelos sujeitos ao longo do convívio social”.

Inúmeras são as possibilidades que o professor pode oferecer ao trabalhar os contos de fadas nos anos iniciais, já que a criança está em processo de aprendizagem. Uma estratégia é a promoção de questionamentos referentes aos contos fazendo relação com a vivência da criança, já que ela possui experiências de aprendizagens prévias mesmo antes de entrar no assunto de maneira mais formal e direcionada no espaço escolar. As princesas, os príncipes, enfim, os contos de fadas fazem parte do imaginário infantil desde muito cedo, já que estão presentes em filmes, desenhos, livros, temas de aniversários, fantasias etc., em suma, há um enorme aparato que utiliza os contos de fadas para encantar e vender produtos. Por isso, o professor é o elo que faz a mediação do aluno ao objeto de estudo, no caso, os contos de fadas. Dessa forma, mediar é imprescindível para a conexão do aluno ao assunto que se deseja desenvolver. Rego chama a atenção quanto às estratégias necessárias ao professor:

Mas para que ele possa intervir e planejar estratégias que permitam avanços, reestruturação e ampliação do conhecimento já estabelecido pelo grupo de aluno, é necessário que conheça o nível efetivo das crianças, ou melhor, suas descobertas, hipóteses, informações, crenças, opiniões, enfim suas “teorias” acerca do mundo circundante. Ele deve ser considerado o “ponto de partida”. Para tanto, é preciso que no cotidiano, o professor estabeleça uma relação de diálogo com as crianças e que crie situações em que elas possam expressar aquilo que já sabem. Enfim é necessário que o professor se disponha a ouvir e notar as manifestações infantis (Rego, 2011, p. 116).

Portanto, o estabelecimento de interações entre professor e estudante e a valorização das vivências prévias e tudo que trazem de fora do contexto escolar é primordial para estimular e construir novos sentidos e aprendizagens.

Deste modo, compreender a importância da mediação, das interações entre professor-aluno, bem como o desenvolvimento intelectual indissociado do contexto em que o indivíduo está imerso, é de grande valia para estimular e desenvolver conhecimentos significativos para a formação do sujeito em processo de aprendizagem.

Diante do exposto, a seção seguinte tratará sobre a formação de professores para o uso da mídia.

## **2.7 Mídia e consumo**

A sociedade moderna é caracterizada por transformações constantes, que geram e reformulam tradições, costumes, regras, padrões etc. Junto a essas mudanças, identidades novas são constituídas, adaptadas, reformuladas e até aniquiladas. O avanço da mídia é fator preponderante no que tange a essas mudanças. O avanço dos meios de comunicação de massa, como rádio, televisão, mídia impressa e, atualmente, a internet, foram e continuam sendo ferramentas imprescindíveis na divulgação de informações e serviços. A comunicação através da linguagem e da escrita é uma habilidade humana que possibilitou à comunicação vencer a passagem do tempo. A criação da escrita pode ser vista como a ferramenta que oportunizou a comunicação do homem dentro e fora da sociedade à qual estava e está inserido. Segundo Souza (2004), há uma necessidade humana de buscar maneiras de compartilhar conhecimentos, descobertas e experiências importantes para a comunidade, sendo isso necessário para a manutenção e legado cultural. Dessa forma, o que era transmitido oralmente teve, com a escrita, um novo modo de registro em que os conteúdos eram postos de modo seguro e sem alterações. Souza (2004) afirma que a imprensa escrita, em suas diversas formas, exerceu um impacto profundo na história da humanidade, transformando a sociedade e a forma como as pessoas pensam e interagem.

A alfabetização e a leitura eram ostentações garantidas somente dos membros da classe dominante. Quando a tipografia foi inventada e possibilitou grandes quantidades de impressões e sua redução de custos, o acesso à informação começa a se estender a outras classes sociais, dando início ao uso da tecnologia para

explorar as relações sociais e econômicas do novo meio de comunicação. A maneira de agir e pensar dos indivíduos é marcada pelo acesso à informação, à cultura, à história e à memória dos povos, deixando de ser transmitida e preservada oralmente, sendo substituída pela memória escrita. No decorrer do tempo, essas mudanças foram se intensificando, enquanto o acesso à leitura e à escrita foi se ampliando e, durante a Revolução Industrial, o setor empresarial percebeu a utilidade que o avanço dessa mídia poderia facilitar divulgando seus serviços e produtos. Inicia-se, então, a utilização da mídia para render lucros. Sobre o nascimento da mídia industrial, Straubahaar & La Rose relatam que

Conforme a Revolução Industrial urgia a indústria de comunicação de massa, tais como livros e jornais, aparecem e proliferam. Dessa forma, o aumento da procura por meios impressos crescia, e se tornavam mais acessíveis. Muitos países foram impactados com o surgimento de grandes jornais urbanos, além de um aumento de publicações de livros. Contudo, o analfabetismo e a falta de dinheiro, continuaram a limitar a leitura. Muitas pessoas não podiam dispor do dinheiro para um jornal, nem liam já que o analfabetismo e a falta de recursos limitavam a apreciação dos meios impressos. Portanto, é possível observar que desde os primórdios as classes sociais mais abastadas já estavam conectadas as mídias (Straubahaar; La Rose, 2004, p. 33-34).

Na atualidade, a taxa de analfabetismo ainda é grande, principalmente se forem considerados os analfabetos funcionais, ou seja, a pessoa que, embora seja capaz de decodificar letras, não está capacitada a fazer interferências textuais. Contudo, os avanços das mídias possibilitam uma diversidade de aparatos para que as informações e, principalmente, os incentivos à compra de produtos que chegam com muita rapidez a todo tipo de classe social. A publicidade do que se deseja vender está presente em nosso cotidiano através da televisão, jornais, revistas, rádios, redes sociais e internet, sendo quase impossível não sermos sugestionados ao consumo de algo durante o dia, seja venda de produtos alimentícios, brinquedos, automóveis e até padrões de beleza; há uma lista infindável de “coisas” que influenciam o consumismo.

As crianças também estão inseridas nesse nicho, já que são consumidoras em potencial respaldadas pelos seus responsáveis. As histórias, contos, desenhos, enfim, as mídias direcionadas ao público infantil estão sempre carregadas de significados e estereótipos que contribuem para a formação infantil. A formação de padrões, valores e comportamentos difundidos através de história, imagens que circulam por todo tipo de mídia, contribuindo com a composição da identidade da pessoa (Silva; Gomes, 2009).

O consumo de produtos passou a ser induzido através de imagens, rimas, histórias, jingles etc., que tomaram o lugar das informações referentes ao produto, induzindo apenas ao consumismo. As crianças crescem vendo determinadas marcas se tornarem parte integrante do cotidiano. Observa-se crianças repetindo músicas, chavões ou mesmo modos de agir, vestir ou reagir a determinadas situações embasadas no que “consomem” diariamente pelas mídias. Segundo Silva e Gomes (2009), os modelos induzidos pela manipulação da cultura de massa, misturam-se com a realidade que agora é tão virtual. Paulo Freire (1979) também contribui dizendo que quanto mais manipulados pelas mídias são as pessoas, menos autônomas e críticas tornam-se.

Dessa forma, é visto o quanto pode ser prejudicial essa exposição excessiva a todas as mídias que nos circundam, já que, embora cada uma tenha seu objeto específico, uma coisa é certa: todas querem vender algo, desde objetos a padrões de beleza e conduta. Porém, as mídias também podem ser utilizadas com intencionalidade pedagógica e analisadas de forma crítica e coerente, trazendo benefícios educacionais às crianças. Daí a necessidade de os profissionais da educação estarem preparados para auxiliarem seus educandos de forma que eles deixem de ser meros consumidores passivos quando expostos a qualquer tipo de mídia.

Cabe ao professor ensinar estratégias de leitura e análise crítica dessas informações que recebem todos os dias em suas casas, escolas e todos os lugares onde há circulação de pessoas. A leitura de contos de fadas é algo comum no espaço escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental; entretanto, as histórias são romantizadas e temos a sensação de que não há nada de prejudicial à criança ao ler esses contos. Contudo, se fosse feito um estudo sobre essas histórias, as imagens que trazem, os padrões que ditam, enfim, todas as mensagens subliminares que existem, concluirá-se que a utilização desse material não é tão inocente, “com inusitados padrões de comportamento e de sociabilidade, influenciados pelas tecnologias, administrando seus gastos, suas atitudes, bem como o seu imaginário” (Oliveira, 2020, p. 3).

Dessa forma, a criança fica exposta a todas essas influências no decorrer de seu processo de formação, visto que a midiaticização da cultura transmite padrões de beleza, costumes, visões de mundo etc. Assim, as crianças são influenciadas e começam a ver sentido e se sentir representadas pelas personagens utópicas

apresentadas. Quem nunca foi a uma festa de aniversário cujo tema era uma princesa de contos de fadas, ou viu uma mochila, caderno ou estojo, ou ainda roupas e calçados, cujo tema circunda essas histórias?

Poderia-se fazer uma lista infindável de produtos veiculados a esse cenário que encanta nossas crianças. É diante desse contexto de influências midiáticas que professores se deparam quando recebem seus alunos, sendo uma luta vã resistir a tudo isso. Dessa forma, o educador deve analisar, discutir e refletir sua prática pedagógica ao ofertar a leitura de contos de fadas. Faz-se necessário auxiliar o desenvolvimento do pensamento crítico, possibilitando inferências que contribuam com uma interpretação que vai além das imagens e textos apresentados, lendo criticamente e identificando possíveis mensagens subliminares contidas no texto e nas imagens. Costa (2009) sugere que dois motivos devem ser analisados para que se possa realmente contribuir com mudanças:

Primeiro, porque, obcecados com a operacionalidade das salas de aula, esquecemos que existe vida “lá fora”, e continuamos sabendo muito pouco sobre o carácter do novo imperialismo; segundo, porque, inebriados com o fascínio de espetáculo, paradoxalmente, subestimamos o poder da mídia (Costa, 2009, p. 28).

Todo esse contexto mostra como a atuação e a superação de obstáculos são imprescindíveis para o início do processo de mudança dentro das escolas. Paulo Freire contribui afirmando que:

Imagina uma rede de escolas que, sem prejuízo para as crianças, estudasse com os alunos, a partir do exercício da percepção crítica [...] O que significaria isso enquanto capacidade de crescimento da compreensão do real, da leitura da sociedade, de como a sociedade funciona; o que significaria isso para uma criança, no momento em que ela começasse a perceber todo o interesse que se desenvolve, às vezes escondidamente por detrás de um minuto de televisão, para vender milhões de cruzeiros? Percebido isso, a criança estaria muito perto de entender, na verdade, o que é civilização de consumo (Freire, 2022, p. 62).

A prática educativa não se transforma automaticamente, contudo, faz-se necessário dar o primeiro passo a caminho dessa mudança e melhorar as condições do ensino, possibilitando aos alunos a compreensão do que lhes é imposto pelos meios de comunicação de forma crítica e reflexiva.

## 2.8 A importância da leitura e o questionar crítico

Pensar sobre a importância da leitura está intrinsecamente ligado a outra ação da humanidade que é o ato de escrever. Freire (1995, p. 23) declara que a “leitura precede a escrita”, o que é um fato, já que trazemos uma infinidade de conceitos anteriores à habilidade de registrar códigos. O autor reforça que a alfabetização, nesse contexto, vai além da simples decodificação de letras e palavras envolvendo uma tomada de consciência crítica sobre a importância da leitura e da escrita, como instrumento de transformação social. Dessa forma, a alfabetização é tida como mais que um simples domínio de técnicas de leitura e escrita.

O processo de leitura e escrita desenvolvido no espaço escolar é de suma relevância para a formação do leitor crítico, assim a necessidade de alfabetizar letrando. Soares (2015) discorre que alfabetizar e letrar são duas coisas diferentes, mas não interdependentes, ao contrário: o melhor seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto social da leitura e da escrita.

Quando se alfabetiza letrando, a criança será inserida no ambiente cultural da sociedade da qual faz parte. Nesse processo, o papel dos educadores é essencial para a atuação como facilitadores, incentivando e orientando a criança a ter acesso ao rico mundo da leitura que desponta através de sua vida escolar. O papel do educador que opta pela mudança na maneira de inserir a leitura a seus alunos, que cria possibilidades de novas vertentes para incentivar essa prática, é o de oportunizar uma leitura repleta de possibilidades, como nessa pesquisa, a desmistificação que é trazida dentro do contexto das histórias infantis, especialmente nos contos de fadas. Se a criança é estimulada e ensinada a criar, refletir, questionar, crescerá ampliando seus conhecimentos, compreendendo o mundo à sua volta e sendo agente transformador da realidade na qual está inserida. Para Freire (1995), a essência humana deve se construir de modo a transformar a realidade da qual faz parte, exercendo sua autonomia, criatividade e responsabilidade.

Dessa forma, quando a alfabetização e o letramento acontecem de forma significativa, conectam a criança ao mundo, pois, como afirmam os autores Rangel e Rojo (2010), a leitura é uma atividade ligada a uma interação social. O ato da leitura faz a pessoa interligar-se ao autor, para entender seu propósito. Contudo, também para responder aos próprios questionamentos.

Quando o professor faz com seu aluno uma leitura reflexiva da mídia impressa que tem ao seu alcance, quando ela é analisada, questionada, enfim, esmiuçada

desde o seu texto à suas imagens, esse professor está desenvolvendo uma leitura que o capacita a entender as mensagens escritas e as intencionalidades do texto, atribuindo sentido à leitura que ouve e, posteriormente, a que fará com autonomia.

Ler é mais que decifrar códigos, é refletir porque se pode modificar a relevância dada pelo autor. Parafraseando Michel Foucault (2011), o que interessa saber já está no texto, basta saber interpretar, e é o professor que fará essa mediação de leitura e inferências. Portanto, ao aplicar e analisar com as crianças o conto de fadas, estará oportunizando um processo de alfabetização, letramento e educação para mídia.

## **2.9 Educação midiática no Brasil**

A Educação Midiática no Brasil tem se expandido com o propósito de promover nos estudantes o desenvolvimento de habilidades que os possibilitem a analisar as produções midiáticas que os cercam no cotidiano. Estamos inseridos em um meio de muita produção e exposição de informações e esse conceito diz respeito às habilidades necessárias para conseguir acessar, criar, consumir e também participar do ambiente midiático de maneira crítica e reflexiva.

Dessa forma, a Educação Midiática é, na atualidade, um instrumento essencial para combater a desinformação, bem como promover uma relação saudável e crítica com as mídias.

O papel da escola é fundamental nesse processo, tanto que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe para o âmbito educacional de todo o país desafios que impactam diretamente a educação básica nesse aspecto, já que o documento está organizado em torno de competências que reforçam a educação como promotora de um ambiente informacional, ético e responsável. Na seção de Língua Portuguesa, o documento traz um campo denominado Jornalístico-midiático, que objetiva formar estudantes para os diversos usos da linguagem e para a atuação crítica e reflexiva na sociedade. O destaque da BNCC não é apenas à esfera da comunicação e jornalismo social, mas em contexto de cidadania, de pesquisa, da história e da expressão artística. Dessa forma, é visível a importância do desenvolvimento de habilidades que levam a criança e o jovem a ler informações de maneira crítica e reflexiva, deixando de ser um mero depositário de informações. Isso demanda urgência, uma vez que a sociedade está imersa em um excesso de informações, já que a tecnologia ampliou muito a velocidade e o alcance, tanto da informação como da desinformação, tudo

isso articulado com o que se deseja “vender”, desde estereótipos, a produtos alimentícios e ideologias. É fato que estamos cada vez mais conectados, então há, também, a necessidade de estarmos cada vez mais educados para essa nova realidade.

Parece haver um entendimento de que as pessoas precisam ter o controle e a responsabilidade sobre conteúdos que produzem, propagam e consomem, principalmente na internet, e a escola tem função de formar os estudantes para esse contexto (Marquetto, 2021, p. 79).

Dessa forma, o ambiente escolar é propício para inserir temáticas da mídia e problematizá-las. Portanto, a utilização dos Contos de Fadas para inserir esse trabalho de leitura reflexiva e análise de mídia, já que é um arcabouço rico, que desperta a curiosidade e o encantamento próprio da infância.

Vale ressaltar que, diante de um tema tão abrangente e importante, há muitos estudos sobre ele. Por isso, buscou-se outros trabalhos que se debruçaram sobre a importância da leitura reflexiva dos Contos de Fadas para as crianças.

A literatura infantil é uma forma de arte que se alicerça na linguagem para expressar, interpretar a realidade, o ser humano e a vida de maneira criativa. Une sonhos, vida real e imaginárias, ideias concebíveis ou não de realização (Coelho, 2008).

Dessa forma, é importante promover a leitura que deixa o estudante apto a perpassar além do que está escrito e identificar os valores, padrões e ideologias inseridos no que se lê, especialmente nos Contos de Fadas que circulam nas escolas e no universo infantil.

Cabe à educação desenvolver a capacidade de leitura e escrita, contudo, o ato de ler deve ir além da decodificação para não servir como instrumento de manipulação e manutenção de ideologias.

A escola capacita as crianças para leitura de obras impressas atuando como mediadora entre os infantes e a sociedade de consumo, incentivando-as a consumir esses produtos culturais (Lajolo; Zilberman, 2001).

Percebe-se, assim, que a literatura infantil vai além de ensinar comportamentos, estereótipos, atitudes e ideologias, mas aparece como facilitadora do consumismo. Zilberman (2001) destaca que a literatura infantil brasileira se inicia no período de mudança entre a Monarquia e a República, com o crescimento da burguesia, sendo que os primeiros escritos para leitor-criança expressaram

intencionalidades educativas e utilidades sociais. As primeiras produções impressas progrediram ao redor de temas cristãos, patriótico-cívicos, morais, além de pedagógicos.

A mudança na literatura infantil brasileira ocorre em 1921, com a divulgação de “A menina do narizinho arrebitado”, por Monteiro Lobato, o qual demonstra interesse em escrever para crianças de forma acessível e cativante a elas.

Após décadas, a educação cresceu pela nação e a cultura letrada se estendeu a grande parte da população, ancorada pelos meios de comunicação, contudo, em lugar de servir para emancipação, tornou-se um produto de consumo e fracassou quanto à criticidade (Zilberman, 2001).

A análise de mídia vem para oportunizar ferramentas para entender o que está posto e os interesses de quem difunde.

[...] os Contos de Fadas como são apresentados à infância, fazem a criança acostumar-se, ou pelo menos deve acostumá-la, a reagir na forma conformada dos sonhos, quando desenvolve impulsos que estão em desacordo com a sociedade. (Richter; Merkel apud Zilberman, 1998, p. 46).

Dessa forma, o Conto de Fadas é um meio para ser explorado para encontrar aquilo que está posto na beleza e fantasia do enredo das imagens que despertam o encanto das crianças. O Conto de Fadas trabalhado pela análise de mídia é um instrumento para contribuir não só para projeção da literatura infantil, mas também com uma educação comprometida com a mudança.

Considerando esse cenário, foram pesquisados outros trabalhos que utilizaram os Contos de Fadas como base para pesquisa.

**Quadro 01: Catálogos de trabalhos selecionados e divididos em categorias, quantidade de teses e dissertações.**

CATEGORIAS	TESES	DISSERTAÇÕES
Educação Infantil		3
Ensino Fundamental I	1	2
Ensino Fundamental II		1
Formação de Professores		3

**Fonte: A autora.**

Os dez trabalhos foram identificados e agrupados em quatro categorias: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Formação de

Professores, envolvendo análise de mídia e contos de fadas. Os trabalhos são voltados a leitura crítica e reflexiva.

**Quadro 2 – CATEGORIAS**

<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>TESE / DISSERTAÇÃO</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>ANO DA DEFESA</b>
Oliveira	A transdisciplinaridade imersa nos contos de fadas: a busca por uma Educação Infantil inovadora.	Dissertação	Universidade Federal de Santa Maria - RS	2023
Moreira	Do conto ao reconto: a magia dos contos de fadas na formação de leitores da Educação Infantil.	Dissertação	Universidade de Taubaté - SP	2019
Canto	A arte de narrar contos de fadas e a formação da criança na primeira infância: diálogos com a BNCC.	Dissertação	Universidade de Santo Amaro - SP	2021
Silva	Contos de fadas e práticas de leitura na educação básica.	Dissertação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ	2019
Nascimento	Representações sociais dos contos de fadas: uma visão de professores sobre a Bela Adormecida.	Tese	Universidade de Brasília - DF	2019
Uliano	Cinema, Literatura e Educação: proposta de Sequência Didática com adaptação de Branca de Neve no Ensino Fundamental.	Dissertação	Universidade Regional de Blumenau - SC	2022
Reis	O conto de fadas e seus rastros ideológicos: uma análise indiciária de cinco clássicos.	Dissertação	Universidade Federal de Santa Catarina - SC	2023
Oliveira	É nossa vez: releitura dos contos de fadas a partir de diferentes perspectivas identitárias.	Dissertação	Universidade Federal da Bahia - BA	2019
Brittos	A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento psicosssexual da criança: o que pensam, o que dizem e o que falam os professores.	Dissertação	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - PR	2016

Oliveira	Os contos de fadas do antigo a contemporaneidade: uma leitura do feminino.	Dissertação	Instituto de Ensino: Centro Universitário – Campos de Andrade – Curitiba - PR	2021
----------	--	-------------	---	------

Fonte: A autora.

Na categoria Educação Infantil, Oliveira, em sua dissertação (2023) da linha de estudo e contextos educativos, refere-se sobre “às práticas de inovação na gestão de sala de aula: interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, especialmente sobre a prática pedagógica transdisciplinar na Educação Infantil, através de contos de fadas, tendo como objetivo geral proporcionar inovações na Educação Infantil, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, propiciando atividades encantadoras a partir dos contos de fadas. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, realizada através de narrativas (auto)biográficas, relacionadas às práticas pedagógicas desenvolvidas com uma turma de pré-escola com 19 alunos de 5 e 6 anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, do município de Santa Maria – RS”. O produto técnico resultou na elaboração de um conto de fadas de autoria própria das crianças, estimulando o texto de acordo com o contexto riograndense. Ressignificou-se a contação de história, inspirando outros docentes a inovar seus procedimentos pedagógicos.

Moreira (2019), em sua dissertação “Do conto ao reconto: A magia dos contos de fadas na formação de leitores da Educação Infantil”, realizada a partir do conto de fadas Branca de Neve, objetivou criar estratégias lúdicas, prazerosas e instigantes que potencializassem a formação leitora, a ampliação do vocabulário e a apropriação de elementos estruturais da narrativa por parte dos alunos, mediante a produção de recontos orais, gravados e transcritos pela pesquisadora/professora. O trabalho se fundamentou em pressupostos teóricos sobre o desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças, em autores que se debruçaram sobre a temática da Literatura Infantil e a formação de leitores na infância e nos documentos oficiais norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil. O trabalho gerou três recontos orais gravados e transcritos pela professora que foram o corpus da pesquisa.

Canto (2021) em sua dissertação “Analisar estratégias didáticas ao narrar contos de fadas”, cujo objetivo foi “analisar quais estratégias didáticas ao se narrar contos de fadas podem promover experiências que permitam que as crianças de 4 a

5 anos façam descobertas sobre si e sobre os outros, considerando os campos de experiência propostos pela BNCC, e se os contos de fadas podem contribuir para a formação pessoal e social da criança”. A pesquisa foi de caráter interdisciplinar por relacionar as áreas da literatura, da psicologia e da educação. A investigação foi bibliográfica e documental. A construção metodológica para nortear a investigação teve como referencial teórico os estudos do imaginário na perspectiva de Carl Gustav Jung e Marelouise V. Franz para analisar acerca do imaginário e dos contos de fadas para a formação da criança.

Na categoria Ensino Fundamental Anos Iniciais, Silva (2019) apresentou sua pesquisa sobre “Contos de fadas e práticas de leitura na Educação Básica, tendo como aporte teórico-metodológico a pesquisa-ação (Tripp, 2005). O estudo propôs incentivar aos alunos do 6º ano, do Colégio Estadual Augusto Cezário Diás André, as práticas de leitura do texto literário, priorizando a aprendizagem e o conhecimento do gênero literário contos de fadas. Visando a formação de leitores sensíveis, conscientes e competentes, optou-se por atividades de leitura, de produção de texto, análise da língua, de discussão e de reflexão sobre estereótipos étnicos e sociais para analisar as representações de padrões comportamentais estéticos dos personagens no imaginário através dos contos de tradição e das adaptações criadas pela indústria cultural, tendo como suporte o pressuposto da sequência básica do autor Rildo Cosson (2014). Por meio desses procedimentos, os participantes dessa pesquisa demonstraram o desenvolvimento de habilidades leitoras e argumentativas, a aquisição de novos saberes, a construção de respeito e a desconstrução de preconceitos numa relação prazerosa e crítica com a leitura literária”.

Nascimento (2019), em sua tese, investigou as “representações sociais construídas por professores da Educação infantil e do Ensino Fundamental de escolas públicas do Distrito Federal que utilizam os contos de fadas como recursos pedagógicos. Pesquisou, ainda, como as representações sociais podem influenciar no desenvolvimento do trabalho pedagógico com este recurso”. O trabalho foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e observações em sala de aula registradas em diário de bordo. A tese concluiu “por meio da análise triangulada que as representações dos contos de fadas estão ultimamente atreladas ao trabalho com a imaginação e a criatividade em contraste com a realidade dos estudantes, e que o conhecimento do percurso narrativo dos contos de fadas e suas representações

sociais abre possibilidades de trabalhos pedagógicos relacionado ao conteúdo simbólico e imaginativo dessa narrativa”.

Uliano (2022) pesquisou na linha Linguagens, Arte e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau, por intermédio do grupo de pesquisa Comunicação e Educação Midiática (FURB/CNPQ). Objetivou sistematizar uma sequência didática com estudantes do Ensino Fundamental do componente curricular de Língua Portuguesa. A pesquisa se classifica como documental e descritiva, possui abordagem qualitativa e utiliza a técnica de análise fílmica com adaptação para uma sequência didática. Realizou-se uma análise do conto original da Branca de Neve, dos irmãos Grimm, e da identificação do público ao qual se destina a sequência didática a fim de uma reflexão sobre a utilização das mídias cinema e literatura na sala de aula.

Reis (2023) discorreu sua dissertação com o objetivo de “fornecer uma análise que explique as ideologias materializadas nos contos de fadas bem como as relações dialógicas e axiológicas que as narrativas projetam. Foram selecionados cinco contos de fadas: Cinderela, O gato de Botas, Branca de Neve, João e Maria e Chapeuzinho Vermelho. A pesquisa buscou identificar nos textos indícios que poderiam proporcionar uma compreensão das questões emergentes durante o processo investigativo e compreender como esses pontos produzem sentido para seu público principal que é, potencialmente, a criança. Investigação de natureza interpretativa conduzida pelo cotejo dos contos, capaz de revelar um olhar além do que está escrito, a análise revelou padrões sociais relacionados a temas como beleza, culto à juventude, objetificação da mulher, estereótipos de gênero, conceito de infância, família e papéis de gênero, além de acréscimos, omissões e a conjuntura na qual todos esses temas estão arcundados, apontando também as proposições de religião e conduta”.

Oliveira (2019) desenvolveu um “Memorial Acadêmico que apresenta reflexões sobre a pesquisa de caráter etnográfico intitulado “É nossa vez: releitura de contos de fadas a partir do estudo de diferentes perspectivas identitárias”, efetuada no âmbito do Mestrado Profissional em Letras. Com o objetivo de realizar uma intervenção pedagógica, o trabalho partiu da análise apresentada pela turma do oitavo ano do Colégio Municipal Professora Suzana Imbassahy, Salvador – BA, na qual detectou-se atitudes e discursos preconceituosos. Diante dessa realidade, foi proposta a releitura dos contos de fadas de magia e suas realidades, ressignificando

essas histórias tradicionais à medida em que também afirmaram suas identidades, defendendo que esse caminho de conscientização passa também pela urgente necessidade de trabalhar produção textual. A pesquisa apresenta a refacção dos textos e a interlocução durante todo o processo como via efetiva para que os estudantes se apropriassem de forma crítica e criativa do processo de leitura.

Brittos (2016) discorreu sobre “A importância dos contos de fadas para o Desenvolvimento Psicosssexual da criança: o que pensam, o que dizem e o que fazem as Professoras?”. Sua dissertação foi desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em Francisco Beltrão – UNIOESTE. O trabalho contemplou os “conceitos de mitos, fábulas e contos de fadas, destacando as particularidades de cada um, ressaltando sua relevância na educação de crianças. O trabalho objetivou conhecer como os professores utilizam os contos de fadas nos Centros Municipais de Educação do Município. A pesquisa foi ancorada na pesquisa bibliográfica e de campo. O trabalho permitiu ampliar o olhar para a infância por meio de um elemento fundamental para a prática pedagógica, junto às crianças: os contos de fadas. O trabalho está articulado aos conhecimentos psicanalíticos como caminho possível de intervenção, junto às crianças, através dos contos de fadas”.

Oliveira (2021) abordou, em sua pesquisa, duas histórias do gênero contos de fadas: Cinderela (1697) e Rapunzel (1812-1815), com o “objetivo de contribuir para uma possível crítica literária infanto-juvenil e refletir sobre as mudanças de tais contos e as adaptações na contemporaneidade ao se enfatizar as figuras femininas”. A pergunta que norteou esse trabalho foi: “Quais as leituras possíveis dos femininos nos contos de fadas na atualidade?”. A metodologia utilizada foi de consulta a referências bibliográficas e os estudos de Teun Van Dijk (2015) acerca da análise imagética e dos discursos. A pesquisa entendeu que “tal literatura na atualidade não é um gênero menor, mas fronteiro, pois impacta as áreas da literatura e da educação”.

Com base no levantamento realizado, nota-se que foi importante a construção dessa pesquisa, identificando semelhanças acerca do que já se tem publicado a respeito do tema, fornecendo fundamentos teóricos para amparar a proposta, possibilitando conhecer o campo da educação com as oportunidades a serem estudadas e/ou pesquisadas.

Percebe-se um grande número de trabalhos publicados relacionados a contos de fadas, porém, dentre os dez escolhidos, apenas um foi de produção de Sequência

Didática. Isso evidencia a importância da pesquisa acerca da análise de mídia através da Sequência Didática.

### **3 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa busca compreender as contribuições da educação para a mídia ao aplicar uma Sequência Didática que utiliza o conto de fadas “A Branca de Neve e os sete anões” para alfabetizar e discutir questões estruturais da sociedade patriarcal representada pelo conto a partir de uma abordagem qualitativa, considerando a complexidade da característica investigada e a necessidade de uma análise aprofundada das experiências e percepções dos participantes. Para isso, a metodologia adotada foi estruturada de modo a garantir o alinhamento entre os objetivos da pesquisa e os procedimentos utilizados na coleta e análise dos dados.

Nesta seção, são apresentadas as metodologias que fundamentam a investigação, incluindo a natureza da pesquisa, os participantes, os instrumentos de coleta de dados e as estratégias de análise. A escolha desses elementos metodológicos foi pautada pela relevância em relação ao problema do estudo e pela busca de rigor na interpretação dos dados obtidos.

Durante o processo de pesquisa, foi utilizada a ferramenta Diário de Campo, a qual possibilitou documentar observações, experiências e reflexões feitas pelas crianças durante a execução do trabalho.

Para Lewgoy e Arruda (2004, p. 123 – 124), o registro no diário de campo é “um exercício acadêmico na busca por uma identidade profissional”. As anotações realizadas de forma cronológica permitiram refletir sobre a mudança de paradigmas dos estudantes, bem como observar suas dúvidas, contradições, discordâncias, entre outros, frente ao conto de fadas e as questões levantadas. Assim, o diário de campo me possibilitou a fazer as primeiras análises do material coletado, refletir e problematizar e dar andamento no processo.

Para garantir a integridade e o respeito às crianças envolvidas na pesquisa, essa passou pela aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Ainda, para assegurar o respeito e os princípios éticos dos participantes desta pesquisa, foi preenchido o Termo de Assentimento pelos participantes integrantes para análise de dados.

As ferramentas da análise do discurso, de acordo com os procedimentos, viabilizam a sistematização na descrição dos conteúdos das mensagens e permitem a produção de uma inferência (Bardin, 2004). Portanto, os procedimentos seguidos foram:

a- Discussões orais: durante as aulas de leitura, acerca dos conhecimentos prévios das crianças sobre os contos de fadas para descobrir quais conceitos já possuíam sobre o tema.

b- Pré-análise: foram avaliadas as respostas dos educandos do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, para a construção de um corpus (conjunto dos documentos que foram submetidos à análise).

c- Exploração do material: os grupos de pesquisa delimitados, priorizando as unidades de significados seguindo a reunião de questões estabelecidas nas discussões e, posteriormente, unidade de registro.

d- Categorização: as unidades que foram separadas e organizadas (Bardin, 2004).

Para melhor compreensão, diante do exposto, o trabalho de estudo foi organizado em três etapas. Primeiramente, a pesquisa bibliográfica, segundo Lakatos e Marconi (2021) a pesquisa bibliográfica é um processo de busca, seleção e análise de fontes relevantes sobre o tema de interesse, com o objetivo de fornecer uma visão geral do conhecimento sobre ele. O estudo da literatura relacionada pode contribuir com a planificação do trabalho, evitar duplicidades e certos erros, e representa uma fonte fundamental de informações, possibilitando até orientar os questionamentos e sendo intensamente úteis na composição do produto educacional final.

Justificando a relevância, a segunda etapa teve início após o contato com os pais via telefone e, com o consentimento, foram realizadas as primeiras discussões sobre conto de fadas, assegurando a integridade dos seus dados, bem como a veracidade da pesquisa, possibilitando fazer um levantamento sobre o que os participantes conheciam, quais suas expectativas e quais as contrariedades sobre o tema abordado nas aulas de leitura em Língua Portuguesa.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu no 2º semestre de 2024. Na sequência, deu-se o desenvolvimento das atividades com a utilização da sequência didática, no qual ocorreu o levantamento e/ou a busca de dados junto às crianças.

As atividades ocorreram durante as 5 aulas de Língua Portuguesa semanais do 2º semestre de 2024 e o tempo estimado para a realização desse processo foi de duas semanas.

A última etapa se consolidou com as análises de dados coletados e construção coletiva do produto educacional final.

A elaboração da sequência didática se deu a partir dos conhecimentos pregressos das crianças e com base em desenvolver novos conhecimentos sobre a leitura reflexiva, sempre com embasamento teórico de livros didáticos, artigos e teses, tendo enfoque investigativo e o propósito de tornar o estudante figura central de sua aprendizagem, promovendo o aspecto social e colaborativo num contexto educativo, essencial ao desenvolvimento cognitivo.

A metodologia para investigação dos conhecimentos prévios das crianças foi realizada com discussões, em que as crianças tiveram a possibilidade de expor sua compreensão prévia sobre o tema determinado.

### **3.1 O Contexto e os participantes da pesquisa**

A pesquisa foi realizada no município de Cornélio Procópio, PR, na Escola Municipal Professor Ângelo Mazzarotto, Ensino Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Os participantes convidados para a pesquisa foram os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. O critério se baseou em trabalhar com as crianças que estavam em processo de alfabetização e leitura autônoma.

A instituição escolar está localizada da região central da cidade. O quadro docente é composto por 21 professores e 1 pedagoga, 1 coordenadora pedagógica e 1 diretora. A escola possui 7 salas de aulas, sendo uma de recursos multifuncionais, uma sala de direção, uma de professores, uma de cozinha, um refeitório, 8 banheiros, 1 parque e uma pequena área verde. A escola funciona em dois períodos, matutino e vespertino, atendendo crianças de 4 a 10 anos.

Para escolher o ambiente de pesquisa, foram fundamentais dois fatores: primeiro, pelo fato de a pesquisadora do projeto atuar nesta instituição de ensino, pela sua disponibilidade e aceitação da direção da escola; segundo, se não o principal, pelo fato de a série escolhida ser a primeira que dá ênfase ao ensino para a alfabetização e leitura autônoma, o que está diretamente ligado ao

estudo, que é a formação de leitores críticos.

### **3.2 O instrumento de coleta de dados**

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com foco descritivo; em relação aos procedimentos, foi tanto bibliográfica, quanto participativa, enfatizando a interação ativa da pesquisadora.

A coleta de dados foi através do diário de campo, com anotações da pesquisadora, material escrito, planos de aula realizados, leitura e filme do conto.

A partir dos instrumentos utilizados, foram realizadas reflexões sobre o progresso da proposta e das atividades. O diário de campo foi essencial para a anotação dos eventos relevantes para o processo, bem como expectativas, falas dos participantes, indagações, sugestões, entre outros.

Segundo Oliveira (2014), o diário de campo atua como um instrumento de registro da experiência temporal cotidiana experienciada na pesquisa, ao intensificar o conhecimento dos movimentos e diferentes culturas presentes na comunidade na escola.

Os estudantes participantes foram codificados com a letra “A” e numeração sequencial, objetivando a preservação das suas identidades. A depender do número de crianças foram organizadas em grupos, variando de acordo com a quantidade presente.

Para análise e interpretação dos dados, houve embasamento nos pressupostos teóricos e metodológicos de Bardin (2011 p. 41), baseados na “Análise de Conteúdo, cujos pesquisadores delimitam alguns parâmetros e categorias, demonstrando todo conhecimento por parte do aprendiz”.

Esse processo de análise se constituiu em um conjunto de procedimentos para descrever e interpretar o conteúdo de documentos, textos ou outros materiais, buscando identificar padrões, temas e significados relevantes (Bardin, 2011).

Portanto, esses indicadores buscaram inferências nas informações coletadas que levaram a indicar as categorias que foram estabelecidas, evidenciando a apropriação de conhecimento.

### **3.3 Produto Educacional**

O produto educacional é uma exigência integrante da produção acadêmica do mestrado profissional de ensino. Moreira (2004) discorre sobre a necessidade de construção de um produto educacional no mestrado profissional ao final da pesquisa

profissional, com o objetivo de contribuir para o aprimoramento do ensino promovendo sua melhoria e possibilitando que outros profissionais utilizem o material.

Corroborando com o autor citado, no Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Londrina, encontra-se no At. 31, capítulo X: “o Produto Educacional é caracterizado por um instrumento didático-pedagógico que visa auxiliar, facilitar e corroborar com o trabalho docente” (Paraná, 2015, p. 12). Assim, este instrumento poderá se versar em um manual, ou página eletrônica de recursos de aprendizagem, um curso, sequência didática, entre outros produtos direcionados à educação.

Com base no exposto, propôs-se a criação de uma sequência didática que possa auxiliar os docentes e os discentes na ampliação de possibilidades e aprendizados sobre a utilização de conto de fadas. Pensando na dificuldade de estimular leitores críticos, a logística do Produto Educacional, uma sequência e sua elaboração, será a partir da contribuição dos discentes do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais da rede municipal de Cornélio Procópio, PR, na Escola Professor Ângelo Mazzarotto.

A elaboração do produto foi estruturada em três partes:

- Pesquisa bibliográfica: levantamento de dados e informações sobre o assunto contemplado no conto de fadas;
- Levantamento de dados: pesquisa com as crianças participantes sobre seus conhecimentos prévios e definição das atividades;
- Construção da sequência didática: definição de quais atividades serão construídas e sua utilização com as crianças durante as aulas.

## **RESULTADOS ESPERADOS**

Na prática do processo educativo, não existe uma fórmula concluída que direcione a maneira ideal de se ensinar e aprender. Esta pesquisa propõe e espera contribuir nesse processo com atividades prazerosas e reflexivas a fim de tornar o ambiente escolar um lugar de pesquisa, discussões, construção e desconstrução do conhecimento.

Assim, acredita-se que a leitura dos contos de fadas contribui para tornar a criança mais participativa, questionadora e reflexiva, sem se esquecer de que o professor é o orientador do processo de ensino e aprendizagem.

## CRONOGRAMA

Para sistematizar a pesquisa, estão postas abaixo as etapas que foram seguidas.

**Quadro 3 - Cronograma de Planejamento e Pesquisa:**

	2024	2024	2025
	Mai - Ago	Set - Dez	Mar
Cursar disciplinas			
Levantamento bibliográfico			
Enviar projeto CEP	x		
Autorização dos pais	x		
Consentimento dos alunos	x		
Desenvolvimento do produto		x	
Constituição dos dados		x	
Análise dos dados obtidos		x	
Redação da dissertação		x	
Qualificação		x	
Finalização do trabalho			x

Fonte: A autora

**Quadro 4 – Etapas das atividades**

	ETAPA 1	ETAPA 2	ETAPA 3
<b>NÚMERO DE AULAS</b>	3 (1 hora/aula)	4 (1 hora/aula)	5 (1 hora/aula)
<b>CONTEÚDO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Oralidade</li> <li>• Escuta atenta</li> <li>• Leitura / interpretação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ordem alfabética</li> <li>• Oralidade</li> <li>• Produção de palavras</li> <li>• Consoantes e vogais</li> <li>• Gênero textual descritivo</li> <li>• Semelhança e diferença</li> <li>• Escrita individual e coletiva</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gênero textual</li> <li>• Narrativa</li> <li>• Entrevista</li> <li>• Poema</li> <li>• Paródia</li> <li>• Receita</li> <li>• Antônimo e sinônimo</li> </ul>
<b>TEMÁTICA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como devem ser as personagens de um Conto de Fadas?</li> <li>• Como ler uma história?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como fazer ordem alfabética?</li> <li>• O que é um texto descritivo?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como diferenciar gêneros textuais?</li> <li>• O que são sinônimos e antônimos?</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A habilidade (EF 15 LP 02) da BNCC consiste em:</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A habilidade (EF 25 LP05) inferir o sentido de palavras ou expressões</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A habilidade (EF02LP14) consiste em:</li> </ul>

<p><b>HABILIDADES BNCC</b></p>	<p>estabelecer expectativa em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto e gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra, confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura do texto checando as adequações das hipóteses realizadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A habilidade (EF15LP13) consiste em: Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).</li> <li>• A habilidade (EF 15 LP 02) da BNCC consiste em: estabelecer expectativa em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e</li> </ul>	<p>desconhecidas em textos com base no contexto da frase ou do texto e conhecimentos prévios.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A habilidade (EF02LP14) consiste em: Planejar e produzir pequenos relatos de observação de processos, de fato, de experiências pessoais, mantendo as características do gênero, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.</li> </ul>	<p>planejar e produzir pequenos relatos de observação de processos, de fato, de experiências pessoais, mantendo as características do gênero, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A habilidade (EF02LP10) consiste em: Identificar sinônimos de palavras de texto lido, determinando a diferença de sentido entre eles, e formar antônimos de palavras encontrada em texto lido pelo acréscimo de prefixo de negação in/im.</li> <li>• A habilidade (EF15LP13) consiste em: Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).</li> <li>• A habilidade (EF 15 LP 02) da BNCC consiste em: estabelecer expectativa em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus</li> </ul>
--------------------------------	--	---	--

	recepção desse texto e gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra, confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura do texto checando as adequações das hipóteses realizadas.		conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto e gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra, confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura do texto checando as adequações das hipóteses realizadas.
--	--	--	---

Fonte: A autora

## ETAPA 1

Como deve ser uma princesa, um príncipe e uma madrasta?

1º Momento: Problematização inicial

Nessa primeira etapa, foram utilizadas 3 horas/aula para realizar três atividades.

- ATIVIDADE 1

Início com a gravação individual de um vídeo em que as crianças responderam à questão: “Como é uma princesa para você?”. Ao final da sequência, a mesma questão fora feita para a comparação e discussão das respostas com as crianças e seus pontos de vista, de forma coletiva.

- ATIVIDADE 2

Realização da leitura do conto de fadas “A Branca de Neve” (Minhas Primeiras Histórias Disney, Branca de Neve, 2016) e discussão: foi realizada uma roda de leitura; a professora leu a história e foi fazendo paralelamente os questionamentos abaixo, dando possibilidade para que as crianças respondessem oralmente. Em seguida, a professora colocou no quadro as questões 2, 4 e 8 e as crianças registraram no caderno, bem como as respectivas respostas, segundo a opinião de cada uma.

1- A Branca de Neve é descrita como uma princesa linda, pele muito branca, cabelos negros, lábios vermelhos e magra. Para vocês, que características diferentes dessa princesa podem ter?

2- Como deve ser a aparência de uma mulher para ser parecida com uma princesa?

3- A rainha madrasta era tão vaidosa que não repetia uma roupa sequer. O mundo dela girava em torno de sua imagem. Existe problema em ser vaidosa? Será que a madrasta competia com a Branca de Neve?

4- Se repetirmos nossas roupas, podemos ficar malvistas? Nossa imagem é o bem mais precioso que temos? Por quê?

5- O caçador leva Branca de Neve até o meio da floresta e a ameaça de morte. Assustada, ela foge e promete nunca mais voltar. Quando alguém nos ameaça ou faz algo que não gostamos, devemos fugir, fingir que não aconteceu ou procurar a ajuda de alguém que confiamos?

6- A Branca de Neve encontra a casa dos desconhecidos anões, entra e vai descansar. Podemos confiar em pessoas estranhas?

7- Branca de Neve se encontra com os anões, que se comovem com sua história e fazem a seguinte proposta: “Pode ficar morando com a gente. Não lhe faltará nada se você cuidar da casa, cozinhar, arrumar as camas, lavar a roupa, costurar, passar e deixar tudo organizado”. O que você acha desse combinado?

8- A Branca de Neve devia ter aceitado mesmo essa proposta ou deveria ter procurado outra forma de colaborar?

9- Os afazeres domésticos são obrigações apenas das mulheres ou pode ser dividido com os homens da família?

10- Na sua casa, quem faz as atividades domésticas?

11- A princesa, devido à sua curiosidade, abre a porta e recebe o presente de uma estranha, que era a madrasta disfarçada. Quando nossa curiosidade pode ser boa e ruim?

- ATIVIDADE 3

Releitura do conto e novas discussões: foi refeita a leitura pela professora, seguindo paralelamente o roteiro de questões:

13- Devemos aceitar presentes de pessoas que não conhecemos?

14- Branca de Neve desobedece às regras feitas pelos anões e abre a porta a uma estranha, que a envenena com a maçã enfeitiçada. É importante seguir regras?

15- Devemos discutir as regras que nos são impostas?

16- O príncipe encontra Branca de Neve enfeitiçada e quando a vê cai de joelhos apaixonado, dá-lhe um beijo que quebra o feitiço. Ela acorda e o vê, e também se apaixona. Decidem se casar na mesma hora, casam-se e são felizes para sempre. É possível se apaixonar e resolver se casar tão rapidamente?

17- Foi correto o príncipe beijá-la sem consentimento?

18- Como pode ser uma família?

19- A família do conto de fadas é parecida com a sua?

20- O príncipe é descrito pelas imagens como alguém poderoso, que tem um reino, soldados, é forte, bonito, com olhos azuis e cabelos loiros. Todo príncipe precisa ter essas características?

21- É possível um jovem ser chamado de príncipe mesmo sendo pobre?

22- Como você descreveria um príncipe real?

23- É possível ser feliz para sempre?

24- O que precisamos para ser feliz?

25- Você é feliz?

Após essa atividade, a professora lhes ofereceu revistas para que recortassem figuras de mulheres que poderiam ser “princesas” e mulheres “reais”. Montaram um cartaz e discutiram.

## **ETAPA 2**

2º Momento: organização do conhecimento

### • ATIVIDADE 4

Com a orientação da professora, foram realizadas atividades de alfabetização e letramento, utilizando o conto e as problematizações já realizadas como elo. A docente escreveu o título do livro no quadro e, coletivamente, colocaram em ordem alfabética. Em seguida, separaram as consoantes de vogais, observando que tipo de letras havia a mais. Para finalizar, fizeram coletivamente um acróstico com o nome Branca de Neve, solicitando que todas as palavras deviam ter relação com a história; posteriormente; registraram no caderno.

### • ATIVIDADE 5

Descrição de personagem: a professora propôs às crianças que essa atividade fosse feita em duplas. Registrou no quadro a seguinte tarefa para que as crianças copiassem e executassem no caderno, após discussão das duplas.

1- Escreva as características da Branca de Neve e da madrasta.

2- Descreva o que há de SEMELHANTE entre ambas e DIFERENÇAS.

Após a realização, as duplas compartilharam o que registraram com os colegas.

- ATIVIDADE 6

Respondendo questões: a proposta foi responder 8 questões que foram registradas no quadro, copiadas e respondidas pelas crianças no caderno. Ocorreu após assistirem ao filme “Branca de Neve”, da Disney.

1- Imagine que a Branca de Neve vivesse em Cornélio Procópio como vocês.

a- Como ela seria? Descreva-a.

b- Ela teria uma profissão? Qual?

c- Quem seriam seus amigos?

d- Onde eles trabalhariam?

e- Ela teria um príncipe? Como ele seria?

f- Como seria a família da Branca de Neve?

g- Onde ela moraria?

h- Qual seria o seu conflito?

Ao término, compartilharam as questões e respostas, comparando-as e propondo discussões.

- ATIVIDADE 7

Entrevistando a princesa: a atividade foi elaborar cinco questões. No quadro, a professora registrou o seguinte enunciado:

Imaginem que, em um passeio pela praça da cidade, vocês encontraram a Branca de Neve. Elabore em seu caderno 5 questões que você faria a ela. (atividade individual)

Ao término da atividade, compartilharam as questões com a turma e discutiram o porquê das perguntas elaboradas.

- ATIVIDADE 8

Noções de capacidade, massa e unidades de medidas para criar uma princesa, um príncipe e uma madrasta: coletivamente, após trabalhar os conceitos de medidas, criamos no quadro as “receitas” e, posteriormente, copiaram no caderno.

1- Imagine que a nossa turminha encontrou uma varinha mágica e com ela podemos criar uma princesa, um príncipe e uma madrasta. Quais características e sentimentos colocaríamos para fazê-los?

A atividade foi, primeiramente, oral e coletiva, oportunizando discussões referentes às sugestões que surgiram. Após a definição da receita em consenso com a turma, cada um registrou no caderno.

- ATIVIDADE 9

Anões: sinônimos e antônimos: nesta aula, foram explicados os conceitos referentes a antônimos e sinônimos. Em seguida, a professora escreveu o nome dos 7 anões do conto de fadas no quadro e propôs que, coletivamente, encontrassem antônimos e sinônimos para os respectivos nomes. As crianças registraram no caderno e ilustraram.

### **ETAPA 3**

3º Momento: aplicação do conhecimento.

- ATIVIDADE 10

Para dar início ao 3º momento, foi retomada a questão inicial, colocando-a no quadro. Como deve ser uma princesa, um príncipe e uma madrasta? Em seguida, dada toda a discussão realizada ao longo da sequência didática, as crianças foram convidadas a comentar suas respostas iniciais coladas no cartaz, indicando se, no momento, as respostas seriam diferentes.

- ATIVIDADE 11

Princesa, poema e paródia: foi apresentado e lido às crianças o poema de Carlos Drummond de Andrade “E agora, José?”. Fizemos oralmente a interpretação com a turma e foi proposta a produção de uma paródia, coletivamente, no quadro, e, depois, transcrita para o caderno. A professora iniciou a atividade e os alunos foram instigados a continuar produzindo com base em todas as discussões já realizadas.

E agora, Branca de Neve?

O feitiço acabou

O espelho quebrou

A madrasta sumiu...

- ATIVIDADE 12

Produção de texto: a professora propôs que os alunos criassem um novo final para a história da Branca de Neve, levando em consideração todas as discussões e reflexões realizadas ao longo das aulas. Em seguida, foram convidados a ler para os colegas.

### 3.4 Uma reflexão: uma visão da pesquisadora

O ambiente escolar é um cenário privilegiado e desafiador, já que encontramos crianças de diferentes níveis sociais, culturais e religiosos, onde estamos imersos a aventuras às cegas e, talvez, por isso seja também tão emocionante e encantador.

Quando acreditamos que já sabemos tudo sobre educação, o caos aparece para nos recordar que ainda há muito a aprender. Foi o que aconteceu comigo quando resolvi voltar a ser estudante e fazer a disciplina de Alfabetização Midiática. Há mais de 20 anos alfabetizo crianças, e o nome dessa formação me intrigou por ser nova para mim. A partir dela, o caos foi gerado dentre todo o conhecimento educacional acumulado em 30 anos no magistério.

A reflexão sobre temas tantas vezes abordados em sala de aula de uma forma tão pouco crítica e analítica acendeu em mim o desejo de criar um trabalho sistematizado para abordar a leitura de Contos de Fadas, tão utilizados nas séries iniciais do Ensino Fundamental no qual atuo, para tornar a aprendizagem prazerosa, significativa, contextualizada, e oportunizar à criança o desenvolvimento da criticidade, relacionando à leitura a sua vivência e sua alfabetização propriamente dita.

Junto ao desejo, veio a insegurança: como seria esse trabalho? Daria certo? Seria mesmo viável? Teria importância para os pequenos? Instigaria novas formas de leitura? Contribuiria com a alfabetização e o letramento?

Todos esses questionamentos e vários outros foram alicerces para encarar o desafio de pensar na elaboração de uma Sequência Didática, que foi ganhando “corpo” a partir de leituras, discussões, reflexões e muita vontade de inovar e investigar que contribuições a educação midiática poderia gerar empregando os Contos de Fadas com crianças em processo de alfabetização.

Apliquei essa proposta metodológica tendo como universo de pesquisa estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal no município de Cornélio Procópio – PR.

O início do trabalho foi extremamente chocante, pois todas as crianças relataram como corretas e normais questões estruturais de uma sociedade patriarcal que são apresentadas em Contos de Fadas.

A primeira mídia utilizada foi a gravação de um vídeo, na qual responderam à seguinte questão: “para você, como deve ser uma princesa?”.

Foram unânimes na resposta: “branca, loiras, olhos azuis ou verdes, magra, cabelo liso, roupas rosas...”.

Confesso que, além de chocada, fiquei triste, já que praticamente toda a turma se declara negra ou afrodescendente. Contudo, isso me motivou ainda mais na realização do trabalho. Abordar a leitura para a construção do espírito crítico e reflexivo seria algo primordial na mudança desse paradigma.

No decorrer do processo, observei a transformação das crianças, que foram se tornando questionadoras em situações do cotidiano; questionavam-se entre si e também a mim. Passaram a perceber que há diferentes tipos de beleza, assim como é possível rever o entendimento do que nos é posto, de forma a enxergar além do que é apresentado, nos estereótipos, falas ou gestos. Os Contos de Fadas, particularmente o que analisamos, é um “depósito” de padrões e estereótipos que está presente no dia a dia de nossas crianças. Contudo, serviu como parâmetro a elas na construção da observação e criticidade, oportunizando reflexões e associações às suas vivências. Agora, veem a Branca de Neve sob uma nova perspectiva e isso se estendeu ao cotidiano. É gratificante observar a mudança e a aprendizagem nas crianças.

As transformações ocorridas perpassaram em mim de maneira muito significativa, como bem escreveu Guimarães Rosa: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (Guimarães Rosa, 1986, p. 28). Como aprendi na aplicação dessa pesquisa! Primeiro, fiquei triste em não ter percebido tantas ideologias intrínsecas nos Contos de Fadas e como nós professores somos coniventes com elas, porém, a alegria em ter aprendido a aprender com eles, só não foi maior que a gratidão pela mudança que ocorreu no meu desempenho profissional. Aprendi a ver além do eu que está posto, a refletir sobre o que eu falo às crianças, sobre como conduzo a leitura de um livro infantil, entre tantas outras coisas.

Tudo é formativo quando estamos abertos à aprendizagem e sabendo que diferentes mídias fazem parte de nossas vivências e que influenciam de maneira decisiva na formação de valores, regras e estereótipos. O papel do educador é oportunizar às crianças, desde muito cedo, um novo olhar sobre elas a partir de debates, contextualizações, questionamentos e reflexões.

### **3.5 Metodologia de análise dos dados**

Diferentes mídias podem ser analisadas de inúmeras formas. A mídia escolhida carece passar por um processo criterioso e objetivo, já que o trabalho como a coleta de dados é muito intenso e difícil de sintetizar todas as informações adquiridas.

Dessa forma, a análise do processo ocorre simultaneamente durante a realização da pesquisa, já que não é um processo independente. Desse modo, é necessário inserir no processo de análise o tipo de transcrição que será realizada. A análise de Discurso pontua suas abordagens que são essencialmente e intrinsecamente qualitativa.

Tudo o que nos rodeia demanda interpretação e descrição, contudo, o pesquisador se responsabiliza por diferenciá-las no objetivo da compreensão.

A análise do Conto de Fadas “A Branca de Neve” e todos os seus estereótipos e ideologias foi realizada a partir do discurso das crianças e das atividades realizadas. Dessa forma, foi possível conhecer o significado que elas davam ao conto antes e após o trabalho de investigação, bem como observar como essa análise se estendeu em outros âmbitos do seu cotidiano, oportunizando a criação de suas próprias mensagens e entendimentos.

## **4 ANÁLISES DE DADOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Na primeira etapa, foi realizada a leitura de todo o material coletado, notou-se as semelhanças e diferenças nas falas, desenhos e escritas das crianças.

Na etapa seguinte, as atividades foram agrupadas por similaridades, transcritas e organizadas em pastas.

Na sequência, foram elaboradas as categorias com base nas semelhanças entre o que foi coletado.

A categoria nominada “Uma princesa deve ser” foi constituída pelas atividades e falas referentes a estereótipos das personagens do conto. “Bonito e feio” foi para categorizar o que é difundido sobre padrão de beleza. Já a categoria “Dona de casa” foi pensada com base nas falas que remetem a mulher ao trabalho doméstico. A última categoria, nomeada “Outros modos de olhar”, contempla falas e atividades que demonstram um novo olhar sobre beleza, leitura, estereótipos e modelos a serem seguidos.

Essa organização foi baseada em Bardin (2011), que pontua, primeiro, o contato inicial do pesquisador com o material, buscando conhecer o conteúdo de forma geral, criando impressões iniciais antes da análise mais profunda.

Escolha dos materiais: a partir do contato inicial, precedeu-se a escolha dos que iriam integrar o corpus de análise, dando importância àqueles que forneceram informações sobre o problema discutido (Bardin, 2016). Dessa forma, precisa ser um material relevante a formulação ou reformulação dos objetivos e suposições que seriam validadas ou não através da análise (Bardin, 2016).

Formulação dos indicadores que subsidiaram a preparação para exploração do material: considerando que o material de análise é uma representação em que se encontram as manifestações. Nessa etapa, busca-se os indicadores que mais aparecem nesses materiais e sua frequência orientará o pesquisador na fase seguinte, que é exploração do material (Bardin, 2016, p. 129).

A investigação do material, segundo Bardin (2016), refere-se ao processo pelo qual os dados coletados, como textos e imagens, áudios em unidade de análise relevantes para a pesquisa. Participaram da pesquisa 26 estudantes. Na primeira categoria, foram coletadas 26 respostas para análise; na segunda, 24; na terceira, 26 e, na última, 25. Todas as atividades que as crianças realizaram foram lidas e, na sequência, agrupadas de acordo com a categoria à qual se enquadrassem.

#### **4.1 Categoria: Uma princesa deve ser**

A inclusão de estudos voltados à análise de mídias demanda dos educadores formação continuada sobre o tema, bem como a compreensão das possibilidades de inserir estratégias de alfabetização midiática no fluxo das aulas regulares. A análise de mídias, enquanto prática pedagógica, permite que os estudantes desenvolvam habilidades críticas para decodificar, interpretar e questionar as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, reconhecendo seus impactos na construção de identidades, valores e estereótipos sociais (Kellner, 2007).

Autores como Douglas Kellner e Jeff Share (2007) defendem que a alfabetização midiática crítica é uma ferramenta para capacitar os estudantes a compreenderem como as mídias influenciam a cultura, a política e as relações sociais. Eles destacam a importância de questionar as representações midiáticas, identificando vieses, estereótipos e ideologias subjacentes. Essa perspectiva se alinha

à proposta da sequência didática, que utiliza o conto de fadas "A Branca de Neve e os sete anões" como ponto de partida para reflexões sobre padrões de beleza, papéis de gênero e comportamentos sociais.

Na mesma direção, Henry Jenkins (2008) aborda a cultura participativa e a necessidade de preparar os estudantes para interagir de forma crítica e criativa com as mídias. O autor enfatiza que a educação midiática deve ir além da análise crítica, incentivando a produção de conteúdos que reflitam novas perspectivas e questionem as narrativas dominantes. Na sequência didática, essa abordagem se manifesta nas atividades que estimulam os alunos a reescreverem o final da história, criando paródias e elaborando novas representações de princesas e príncipes, desconstruindo estereótipos tradicionais.

Além disso, Paulo Freire (1996) reforça a importância de contextualizar a aprendizagem a partir da realidade dos estudantes, promovendo uma educação dialógica e reflexiva. Freire argumenta que a mídia é um veículo de transmissão de ideologias que reflete os interesses dos grupos dominantes, e que a educação deve capacitar os indivíduos a decodificar essas mensagens de forma crítica. Na sequência didática, essa teoria se concretiza ao partir das concepções prévias dos alunos sobre princesas e príncipes, promovendo discussões que relacionam o conto de fadas com suas vivências e contextos sociais.

A análise de mídias, portanto, não se limita à decodificação de textos e imagens, mas envolve a compreensão dos processos de produção, distribuição e consumo de conteúdos midiáticos. Livingstone (2004) destaca que a alfabetização midiática deve capacitar os estudantes a reconhecerem como as mídias constroem significados e como esses significados são negociados no contexto social. Na sequência didática, essa perspectiva é evidenciada nas atividades que exploram as representações de gênero e beleza no conto de fadas, comparando-as com as imagens veiculadas pela mídia contemporânea.

Na prática, a teoria da análise de mídias se materializa na sequência didática por meio de atividades que estimulam a reflexão crítica e a produção criativa. Por exemplo, ao analisar as características físicas e comportamentais da Branca de Neve e dos anões, os alunos foram incentivados a questionar os padrões de beleza e os papéis de gênero presentes na narrativa. A comparação entre as princesas idealizadas e as mulheres reais, por meio de recortes de revistas e discussões em grupo, permitiu que os estudantes reconhecessem como a mídia constrói e reforça

estereótipos. Além disso, a reescrita do final da história e a criação de paródias estimularam a produção de narrativas alternativas, que desafiaram as representações tradicionais e promoveram a expressão de novas perspectivas.

Em síntese, a análise de mídias oferece um arcabouço teórico robusto para a sequência didática, possibilitando que os estudantes desenvolvam habilidades críticas e criativas para interagir com as mídias de forma consciente e reflexiva. Ao integrar a alfabetização midiática ao processo de ensino e aprendizagem, a sequência didática não apenas promove a leitura e a escrita, mas também capacita os estudantes a questionarem as narrativas dominantes e a construir novas formas de ver e interpretar o mundo.

A seguir, estão os relatos produzidos pelos estudantes ao longo do trabalho.

O primeiro relato foi da estudante A18, que descreveu dessa forma: “O cabelo amarelo, o rosto branco, a blusa rosa com uma estrela, o short amarelo com coração, os olhos azul, sapato rosa e magrinha”.

A3 – O segundo não destoou muito do anterior. Ela disse: “Alta, cabelo amarelo, olhos azul, branca, magrinha, roupa rosa com estrela e coração”.

O terceiro, assim como os demais, seguiu o mesmo padrão. A17 disse: “Ela é linda, tem um vestido lindo rosa, ela é magra, o cabelo é bonito e liso, loira, os olhos podem ser azul claro, azul escuro, verde claro, verde escuro e baixinha”.

Os três relatos descritos foram de meninas que se autodeclararam negras, segundo o censo escolar. As demais também seguiram a descrição de forma muito similar. A questão foi respondida individualmente e as crianças não sabiam o seu conteúdo, contudo, as descrições foram praticamente idênticas. Paulo Freire (1987) defende que a educação deve libertar os indivíduos da “opressão do desconhecimento” e capacitá-los a questionar a realidade, inclusive as mensagens midiáticas. Segundo ele a educação não é um processo de transmissão de conhecimento, mas de construção conjunta e crítica.

As descrições abaixo são de três meninos, porém, não diferem muito das anteriores.

A2 – “Bonita, é magra, branquinha, usa sapato preto e também vestido rosa, alta e magra”.

A16 – “Vestido rosa, cabelo loiro, maquiagem, batom, sapatilha e tem um príncipe, magrinha, cabelo liso, alta e inteligente”.

A22 – “Ela tem uma coisa de princesa, uma tiara, ela usa um vestido bem longo, e ela usa vestido rosa, e ela é loira e branca e usa óculos, cabelo loiro, olho azul, magrinha”.

É perceptível a similaridade entre as descrições, o que reforça o estereótipo preconcebido para descrever um padrão de beleza. Embora fuja da aparência de cada um ali entrevistado, apenas um estudante colocou na “sua princesa” algo de si, que foi o uso dos óculos, por exemplo; entretanto, não pontuaram características pessoais, mas, sim, elementos ideológicos muito difundidos pelas mídias.

Em outro momento dessa categoria, foi solicitado que desenhassem como deve ser uma princesa. A atividade foi individual e, ao término, cada um mostrou a sua, podendo perceber muitas singularidades.

A partir dos desenhos, fora feita a pergunta a eles: “Por que todas as princesas são loiras, magras e com olhos claros?”

A8 – “Se não for assim, não pode ser princesa”.

A2 – “Pra ser princesa, tem que ser desse jeito, mas o cabelo pode ser preto igual o da Branca de Neve ou vermelho como da Ariel, mas a princesa mais bonita é loira”.

A12 – “Porque não existe princesa gorda nem preta”.

A4 – “Porque princesa é bonita e pra ser bonita tem que ser desse jeito”.

Essas foram algumas respostas anotadas e mostram a resistência na mudança de paradigmas.

Dessa forma, para que essa superação ocorresse, foram necessárias mediações ativas e estimuladas por indagações que desafiem as crianças a refletir criticamente sobre situações reais que as cercam.

Percebe-se, na fala das crianças nesse primeiro momento de problematização, que o padrão de beleza apontado por elas não tem relação com o contexto do qual fazem parte, mas do que é divulgado pelas mídias, incluindo o conto de fadas selecionado para a pesquisa.

Na sequência, foram desafiadas com outros questionamentos, como: “você acha que sua mãe poderia ser princesa?” A2: “não, eu acho ela bonita, só que ela é preta”. Então ao saberem que, na realidade, há princesas, e até rainhas negras, eles se mostraram surpresos e, alguns, não muito convencidos. O diálogo deve ser compreendido como parte da própria natureza histórica da humanidade. É aspecto do nosso progresso histórico e do percurso para nos tornarmos seres humanos (Freire,

1996). É por meio do diálogo que oportunizamos a sensibilização e conscientização dos estudantes.

Uma das metas da Problematização dos 3MPs é “essa ruptura da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica, despertando o interesse do aluno para a aquisição de outros conhecimentos que ainda não detém” (Muncien; Delizoicov, 2014).

Sendo assim, a mediação do professor instigando e provocando o estudante com reflexões e informações ainda não conhecidas por eles oportuniza a superação dessa curiosidade ingênua, buscando novos conhecimentos mais críticos e reflexivos.

A partir dessa primeira categoria, os participantes se inquietaram, uma vez que o estereótipo de beleza disseminado nas mídias foi relacionado à vivência deles. Com falas e desenhos que contribuíram a respeito do padrão de beleza contido nos contos de fadas estendendo à realidade.

De acordo com as colocações das crianças, foi possível perceber que elas não compreenderam aquilo que está implícito no conto de fadas sobre padrões de beleza, haja vista que as princesas são sempre magras, brancas, delicadas, boazinhas. Esse é o estereótipo de beleza “vendido” pelas mídias no que tange ao público infantil até o adulto.

Com os questionamentos direcionados aos debates e à reflexões, observou-se que, o que é trazido pelas mídias está longe do contexto vivenciado por eles. A beleza difundida também está vinculada à condição social privilegiada, pois princesas ou mulheres belas estão sempre associadas à boa condição social, o que destoia da realidade das crianças, já que os participantes são estudantes carentes de uma escola pública de periferia. Das 26 respostas coletadas, foram transcritas 10, sendo que as demais eram bem similares.

Dessa forma, há um contraste entre o contexto deles e a realidade das mulheres ditas belas, o que os distancia ainda mais de se sentirem pertencentes a esse nicho.

#### **4.2 Categoria: Bonito e feio**

Na categoria BONITO E FEIO, os grupos receberam várias revistas com a tarefa de recortar figuras que retratassem mulheres que representassem PRINCESA e NÃO PRINCESA.

O ideal de princesa apontado nas falas acentua um estereótipo preestabelecido de beleza, no qual a cor, o peso, o tipo de cabelo são imprescindíveis para tal definição.

O impacto que a mídia causa na vida das pessoas, começando pelos infantes, é nítido nessas falas e atitudes. O padrão de beleza considerado por eles está extremamente longe do mundo real onde vivem. Isso ficou perceptível durante as discussões.

O primeiro comentário foi do A6, que disse: “vai ser difícil achar mulher feia para não ser princesa, porque em revista só tem mulher bonita”. Isso pontua o que permeia a avaliação de muitas crianças que, para “ser princesa”, precisa ser bela e, para isso, precisa seguir o padrão de beleza difundido pelas mídias.

Após selecionadas as figuras, montaram dois cartazes. Primeiro, “não poderiam ser princesas!”. Nesse cartaz, todas as figuras retratavam mulheres negras ou gordas, ou gordas negras, apenas uma figura de uma mulher branca, contudo, era uma idosa.

Já o segundo cartaz levou o título “poderiam ser princesas”. Nesse cartaz, havia quinze mulheres, todas magras e, com exceção de três, o restante eram loiras, não havia nenhuma com cabelos cacheados e a maioria possuía olhos bem claros.

Quando pendurei os cartazes e começaram a refletir sobre eles, até as crianças ficaram surpresas como são preconceituosas. A9 disse: “a gente fala que não pode ter preconceito e que todo mundo é bonito, mas aqui ninguém acha preto bonito!”. Foi muito chocante o separatismo dos cartazes, bem como a fala dessa criança.

Ao serem questionados se consideravam-se bonitos, alguns disseram que sim, outros mais ou menos, que precisava mudar algumas “coisinhas”.

A7 disse: “minha mãe disse que eu nasci branco, depois que eu mudei”. Essa frase demonstra como é difícil a aceitação desde o núcleo familiar até os demais grupos sociais.

Quando a pergunta foi se conviviam mais com as mulheres parecidas com princesas ou não princesas, a maioria respondeu “não princesas”. Então fora questionado: “dessa forma, só convivem com mulheres feias? As professoras de vocês são feias? Suas mães, tias, avós e madrastas são todas feias? Alguém aqui tem uma mãe ou tia ou professora loira, magra e de olhos azuis?” Nesse momento, houve um silêncio muito doloroso em na sala. Enfim, foi solicitada a reflexão: “pensem

sobre isso e amanhã retomaremos esse assunto”. Foram questionamentos duros, mas necessários.

A surpresa foi que, no dia seguinte, ainda no portão de entrada, o A9 questionou: “hoje vamos voltar àquele assunto?”. Ali percebi que o trabalho estava surtindo efeito.

Os cartazes foram produzidos a partir de uma linguagem não verbal; as figuras selecionadas por eles revelaram, mais uma vez, os critérios que usaram anteriormente para denominar “mulheres bonitas”.

Após as atividades e reflexões, as crianças começaram a perceber que “princesas” estão muito longe do contexto em que elas vivem, e que aquele estereótipo representado nos filmes, revistas e internet faz parte de padrões disseminados no nosso dia a dia, pois ficamos tão acostumados a eles que ficaram normalizados como algo real e bom, porém, é apenas manipulação efetuada pelas mídias, as quais acabam gerando tristeza e frustração quando se é visto como normal e possível.

Esse ilusório idealizado exclui as mulheres que pertencem ao seu meio social e familiar e, pior, exclui a eles mesmos de pertencer a esse nicho, já que não se encaixam no padrão propagado.

### **4.3 Categoria: Dona de casa**

O perfil da mulher ideal disseminado através de décadas pelas mídias e reforçado pela sociedade patriarcal é daquela que cuida da casa, dos filhos e do marido, como se isso fosse parte da natureza delas.

Na atualidade, agregou-se a esse perfil ter uma profissão de sucesso, ser magra e bela.

A mulher que rompe com esse padrão é criticada e apontada pela sociedade. Se optar por não casar ou ter filhos é vista como insana por muitos, que dizem que isso é fugir da essência feminina.

Contudo, observando as falas das crianças, fica claro que as mulheres que compõem seu núcleo familiar e social são aquelas que não se encaixam no estereótipo de beleza, porém as atribuições domésticas estão totalmente inseridas no que difunde a sociedade, já que são responsáveis pela organização da casa, o cuidado com os filhos e companheiros, quando esse não os abandona e, ainda, com a jornada profissional. A pedagogia freiriana busca a conscientização dos indivíduos,

que os leve a perceber a realidade de forma crítica, e a identificar as estruturas de poder que os oprimem. A educação, para Freire (1987), deve ser um instrumento de libertação, que ajude os indivíduos a construir uma sociedade mais justa e democrática.

A análise do conto de fadas com as crianças oportunizou uma reflexão sobre o papel da mulher contemporânea que busca igualdade de gênero, abordando questões como igualdade nas relações de trabalho, educação dos filhos, poder de fazer escolhas, lutar pelos seus direitos e, principalmente, libertar-se das amarras da “mulher princesa”. A mídia influencia na formação de conceitos, valores, padrões, regras que estão cada vez mais inseridas no cotidiano das crianças. Dessa forma, estimular um novo olhar sobre essa tendência é algo essencial.

A concepção de família perfeita, que vive feliz para sempre, não foi apontada por nenhuma criança e elas nem mesmo perceberam que isso só existe nos contos de fadas, que, na realidade, a história é outra e, muitas vezes, triste e cruel.

Foi oportunizando às crianças assistirem ao filme “Branca de Neve e os 7 anões”, da Disney, assim como ler e visualizar várias versões desse conto para, na sequência, debaterem, o que foi muito produtivo.

Por exemplo, quando os anões encontram Branca de Neve em sua casa, fazem a seguinte proposta: “Você pode ficar morando com a gente, não lhe faltará nada se você cuidar da casa, cozinhar, arrumar as camas, lavar a roupa, costurar e deixar tudo organizado”. O que vocês acham desse combinado?

Exemplos das respostas:

A1: “Bom, porque assim não ficaria na floresta escura sozinha”.

A5: “Isso é exploração da coitada”.

A8: “Acho certo, porque ela só trabalha em casa”.

A10: “Coitada, virou escrava”.

A12: “Eles deviam ajudar, é muita coisa para uma pessoa só. Imagina lavar a roupa de 7 pessoas mais a dela”.

Então foram indagados se que os afazeres domésticos são obrigações de homens ou mulheres. Todos disseram que deve ser de ambos. Então, retornei: “na sua casa, quem faz as atividades domésticas?”.

A15: “Igual na história, só a coitada da minha mãe, só que ela trabalha na padaria também”.

A18: “Meu pai ajuda às vezes”.

A21: “Minha mãe e minha irmã”.

A12: “Minha madrasta”.

A13: “Minha mãe, depois que chega do mercado”.

Essas questões envolveram o olhar dos participantes para sua própria realidade. A4 disse: “Minha mãe que faz a faxina, mas ela fica toda descabelada, de short e camiseta velha, não fica bonita igual à Branca de Neve, de vestido e maquiagem, e ainda fica estressada gritando com a gente”.

Pergunta: “Por que você acha que ela está estressada?”.

A4: “Acho que é porque já tá muito cansada, ela faz faxina pra ganhar salário e em casa também”.

Pergunta: “Seu pai a ajuda nas tarefas?”.

A4: “Não, ele também chega cansado do posto”.

Nesse caso, podemos perceber a importância de oportunizar reflexões sobre o papel da mulher e do homem dentro do cenário doméstico, para que, futuramente, possam agir de maneira diferente, em que homens e mulheres tenham seu papel na realização das tarefas diárias do lar e, dessa forma, possibilitar que trilhem novos caminhos nos quais pesos sejam partilhados.

Ainda, sobre a fala anterior, foi questionado: “É possível fazer toda a faxina da casa e cozinhar mantendo-se tão bonita e arrumada?”.

A7: “Só se fizer bem devagar”.

A18: “Acho que é meio difícil, porque fica indo de um lado pro outro, molha a roupa e até o cabelo”.

A21: “Profe, por que, nas novelas e nos filmes, as faxineiras são todas arrumadinhas, na novela usa até um chapeuzinho e meia fina branca?”.

Devolvi a questão a eles e chegaram à conclusão de que:

A3: “É só de mentirinha!”.

A4: “Não faz faxina de verdade, senão ia ficar descabelada igual nossas mães”.

A19: “Eu nunca vi uma faxineira homem, acho que é só mulher que faz esse serviço”.

A fala das crianças reforça o modelo de que o serviço doméstico está sempre vinculado à mulher. Portanto, se para uma sociedade com mais equidade, é importante refletir já com as crianças esses paradigmas que se apresentam de forma tão singela, até mesmo nos contos de fadas.

No final da história, Branca de Neve se casa e é feliz para sempre? Será que o casamento é garantia de felicidade para sempre?

A11: “Não, porque às vezes briga e separa e precisa de medida protetiva”.

A18: “Sempre tem briga por causa dos filhos”.

A1: “Minha mãe não casou e fala que é feliz”.

A7: “Sempre tem uma briguinha, acho que para sempre é só nas histórias”.

As respostas das crianças retrataram a realidade que vivenciam, bem diferente dos contos de fadas, nos quais há um conflito que, posteriormente, é resolvido e os personagens vivem felizes para sempre. O A11 foi questionado pelos colegas sobre o que era medida protetiva e ele explicou que: “é porque minha mãe bebia e batia muito em mim, tá vendo aqui? (mostrou a testa) Ela que bateu e cortou. Aí meu pai foi no juiz e agora ela não pode mais chegar perto de mim”.

Nesses excertos, a pesquisa evidencia que o conto de fadas foi relacionado à vivência dos estudantes em questão e se mostra contrário à realidade. Essa visão midiática do “felizes para sempre” entra no imaginário infantil e produz esse desejo em seu público, que se depara com uma realidade muito oposta, frustrando-os.

Compreendemos, assim, que, situações problemas promovam desafios cognoscitivos que levem a formulação de novas hipóteses e reconstrução de concepções científicas (Carvalho; Gil Perez, 2011).

Portanto, para a formação de leitores críticos, é imprescindível oportunizarmos às crianças esses momentos de análise de mídia, problematizando, refletindo, conhecendo novas formas de leitura já nos primeiros anos escolares.

Outro aspecto relevante é que os questionamentos levantados façam relação com questões reais das vivências dos estudantes, para que, além de curiosos e questionadores, sejam também agentes de mudança do contexto em que vivem, tão bem como da sociedade a qual fazem parte.

A BNCC (2017) estabelece que as atividades devem ser baseadas na intencionalidade, além de determinar que o trabalho do professor deve ser fundamentado na reflexão, seleção, organização e planejamento, a fim de mediar as práticas e as interações. Deste modo, é assegurado à criança a pluralidade de situações para promover o seu desenvolvimento pleno. É nesse viés que caminha este trabalho.

A Lei de Diretrizes da Base Nacional (LDB) abrange a alfabetização completa e a capacitação gradativa para a leitura como deveres do Estado. A Lei 14.407/2022

estabelece que a alfabetização e a capacitação para leitura devem ser objetivos da Educação Básica.

Alfabetização e letramento são processos que se distinguem, porém se complementam, já que envolvem a aprendizagem da escrita e da leitura. Essa distinção se dá, pois, alfabetizar compreende em aprender a ler e escrever, o que abrange a decodificação e codificação de significados no texto. Já o letramento vai além da decodificação, pois envolve aprender a usar a leitura e a escrita para demandas sociais, como interpretar, analisar e compreender a língua nas práticas sociais, possibilitando que a criança evolua para um olhar crítico do mundo que a rodeia.

Em “Letramento: um tema em três gêneros”, Magda Soares (2009, p. 27) retoma sua atenção com a “distinção entre o ato de adquirir as tecnologias do ler e escrever e as práticas de inserção da leitura e da escrita nos usos sociais”.

Dessa forma, propôs-se a categoria Alfabetização e Letramento para oportunizar as crianças um processo fecundo de leitura e escrita significativo, além de promover questionamentos e debates que ajudaram a interpretar o conto escolhido.

Na primeira atividade, foi solicitado que fizessem um texto descritivo, dessa forma, descreveram como é um príncipe, uma princesa e uma madrasta.

#### **4.4 Categoria: outros modos de olhar**

Nesta categoria, as atitudes e falas das crianças já não mostraram mais homogeneidade nas respostas, pois conseguiram enxergar novas formas de avaliar a beleza, além de encontrá-la nos grupos em que convivem e, principalmente, perceber a beleza que eles possuem.

Os debates e reflexões oportunizaram às crianças perceberem que a beleza idealizada é superficial e distante do real. Essa percepção ampliou o olhar crítico delas em relação aos padrões midiáticos e no seu cotidiano.

Passaram a mencionar características pessoais e familiares na descrição do eu é belo segundo as características que possuem, valorizando a si e seus ancestrais. Perceberam que o conto de fadas traz, na figura da Princesa, a visão da mulher como bela, frágil, dependente do gênero masculino para sua completude e felicidade, mas entenderam que, na realidade, isso está longe de ser verdadeiro, já que existem diferentes tipos de beleza, de companheirismo e formas de ser feliz e que cada um tem sua história e beleza que são únicas e todas devem ser respeitadas e valorizadas.

Nesta categoria, foi possível perceber, através das discussões, reflexões e atividades realizadas, que foi despertado o interesse das crianças e uma forma diferente de observar as tarefas, falas e até mesmo as suas atitudes e as dos demais.

Por exemplo, em um dado momento, eu disse a uma estudante: “Sente-se direito, igual a uma princesa”. Nesse momento, A11 falou: “Ué, princesa pode sentar de qualquer jeito. Não existe jeito de princesa sentar”.

Eles passaram a ser questionadores em todos os momentos entre eles e, principalmente, comigo. Tornaram-se mais críticos e reflexivos, além de observadores.

As atividades seguem mostrando um pouco dessas mudanças.

Eu propus refazermos um novo cartaz de mulheres que poderiam ser princesas e fui surpreendida com a sugestão do A9, que foi apoiado por todos os demais. A proposta foi a seguinte: “É só você pegar aquele cartaz que está escrito NÃO PODEM SER PRINCESAS e recortar a frase, tirar e jogar fora, aí você gruda ele no outro, assim fica só um cartaz mostrando que todos podem ser princesas”. Foi emocionante ouvir isso.

Outra atividade aplicada com muito sucesso de discussões foi a coleta de dados para escolher professoras que pudessem representar nossa escola em um eventual concurso de “Professora princesa”.

Cada um votou secretamente nas duas representantes; depois, fizemos a apuração dos votos e montamos um gráfico de colunas. Na sequência, cada um escreveu o porquê de sua escolha e partilhou oralmente algumas características que influenciaram na sua preferência. Vale ressaltar que, embora a primeira colocada seja uma mulher alta, magra, branca, cabelos curtos e encaracolados, a segunda é uma mulher baixa, gorda, cabelo curto e crespo, apesar de haver entre as concorrentes outras parecidas com a primeira colocada.

Quando foram questionados pelas escolhas, puderam perceber que o que torna realmente uma pessoa bela não são os quilos mostrados na balança, ou o tamanho dos cabelos, bem como a cor da pele. Compreenderam que ambas as escolhidas não se parecem nem de longe com o “tipo ideal” de beleza propagado pelas mídias, contudo, cada uma tem uma beleza única que a torna tão bela quanto qualquer princesa. E, segundo eles, o que deu a “vitória” para a primeira colocada foi que, para a maioria, ela é mais divertida, carinhosa, engraçada e os leva para passear, ou seja, não foram mencionadas características físicas.

Perguntei a eles: “Vocês gostam mais dessas duas professoras ou das princesas da Disney, ou de alguma celebridade?” e todos foram unânimes: as docentes venceram novamente. Entenderam que a beleza está além da aparência, que questionar o que nos é imposto é muito saudável, que discordar não tem problema, que podemos mudar de ideia ou não...

A última atividade foi a produção de um novo final para o conto de fadas Branca de Neve. Seguem exemplos:

A14: “Eles se casaram e depois se separaram. E a Branca de Neve foi embora pra Paris depois de um tempo os dois se casaram de novo teve dois filhos e filhas depois arrumaram trabalhos a Branca de Neve foi médica e o príncipe foi veterinário”.

A1: “A Branca de Neve desmaiou afogada e o príncipe apertou a barriga dela e os dois se casaram”.

A11: “Eles se casaram e tiveram 4 filhos e depois de 2 anos eles se separaram mais depois de 1 ano depois voltaram se casaram mais uma vez e tiveram mais 3 filhos eram meninos e os pais morreram”.

A17: “Eles casaram mais não foram felizes pra sempre”.

A20: “Eles casaram e foram um pouco feliz mais tinha briguinha às vezes”.

A11: “Eles não casaram e nunca mais se virão”.

A22: “A Branca de Neve casou com o caçador e foi embora”.

Essas produções oportunizaram aos estudantes criar sua própria mensagem, que corresponde, muitas vezes, à sua própria realidade. Contudo, ainda prevaleceu a centralidade do casamento nas respostas, o que demonstrou como isso está arraigado na nossa sociedade.

No texto instrucional Receita para “fazer” uma madrasta MÁ como das histórias e uma REAL, as crianças ainda relacionaram que a cor preta está vinculada à pessoa MÁ, embora todos da sala que possuem madrastas, elas são negras.

Exemplos:

A21: Receita para fazer uma MADRASTA MÁ

“15kg de maldade

1 balde de raiva

11 xícara de chatice

1 vestido preto e vermelho  
1 nariz grande e feio  
1 pitada de verrugas  
Cabelos pretos  
3k cor preto de negro  
MADRASTA REAL  
5 kilos de amor  
3 xícaras de beleza  
18 colheres de alegria  
10 pulseiras de ouro  
1 par de brincos azuis  
1 vestido rosa”

Em síntese, a categoria “outros modos de olhar” evidencia um deslocamento importante nas leituras das crianças sobre beleza, gênero e felicidade. Ao longo das atividades, elas passaram a confrontar enunciados naturalizados no cotidiano escolar e midiático, ampliando critérios de valorização para além do corpo e da aparência. As situações relatadas mostram não apenas a emergência de novas formas de nomear o belo, vinculadas a afetos, convivência e reconhecimento de si e do outro, mas também o fortalecimento de uma postura argumentativa, crítica e autônoma diante dos sentidos impostos pelos contos de fadas e pelas mídias.

Trata-se de um movimento pedagógico significativo, pois indica que as crianças não apenas aprenderam novos conteúdos, mas reconfiguraram modos de interpretar o mundo e de se posicionar nele.

Ao mesmo tempo, os exemplos finais apontam permanências que tensionam esse avanço. A centralidade do casamento nas reescritas e a associação entre preto e maldade nas receitas revelam como certos marcadores culturais seguem operando de forma persistente, mesmo quando colocados em debate.

Esses resíduos discursivos não anulam as mudanças observadas, mas indicam a profundidade histórica dos estereótipos e a necessidade de continuidade do trabalho educativo. Assim, esta categoria conclui que a intervenção abriu brechas relevantes para a crítica dos padrões normativos, mas também torna visível que a transformação cultural é processual, exige recorrência e deve contemplar, de modo explícito, as

intersecções entre beleza, raça, gênero e moralidade presentes nas pedagogias culturais que circulam na infância.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em “Extensão ou comunicação?”, segundo Paulo Freire (1995) comunicar-se verdadeiramente não é apenas transmitir saberes, mas como construí-los na coparticipação crítica entre os indivíduos na busca por compreensão de significados. Inspirada por essa perspectiva, minha relação com este objeto de estudo transcendeu a análise acadêmica: tornou-se um diálogo em que, enquanto pesquisadora, também fui desafiada a coparticipar e ressignificar sentidos, compreendendo como a análise de mídia neste caso, de um conto de fadas pode ser ferramenta transformadora no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

A investigação sobre como a análise de mídia de um Conto de Fadas pode colaborar com a reflexão e aprendizagem de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental se revelou um terreno fértil de contradições e descobertas. Ao problematizar o conto selecionado, discutindo gênero, estereótipos e estruturas patriarcais, não procuramos respostas "certas" ou "erradas", mas abrimos espaço para que as crianças confrontassem narrativas hegemônicas com suas próprias experiências. O processo mostrou que, mesmo na primeira infância, os estudantes já assimilam ideologias midiáticas como padrões de beleza e papéis de gênero rigidamente demarcados, reproduzindo discursos que associam, por exemplo, a "maldade" a traços físicos (vestido preto, verrugas) ou à cor da pele.

A questão racial na educação brasileira é complexa e multifacetada e isso se deve às raízes históricas e sociais. A escola, como cenário de aquisição de saberes e formação do cidadão, precisa ser um espaço de combate ao racismo e promover a igualdade racial.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB) promulgou a Lei nº 10.639/2003, que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o que marca a importância da luta pela inclusão racial na educação.

Dessa forma, a promoção de debates e reflexões sobre diversidade cultural e como identificar e diminuir episódios de racismo é imprescindível na atualidade. Esse trabalho buscou oportunizar momentos de discussões sobre isso, até porque é muito recente “princesas” negras relacionadas a histórias infantis.

Contudo, como destacam as "receitas" das madrastas "má" e "real", a atividade evidenciou a capacidade das crianças de ressignificar criticamente essas narrativas. Ao relacionarem o conto às suas vivências, mesmo reconhecendo que todas as madrastas de seu convívio são negras, mas as descrevendo como figuras amorosas e belas, elas desmontaram a lógica simplista que associa aparência a caráter. Esse exercício, guiado por perguntas provocadoras e discussões coletivas, ilustra o que Freire (1995) chamaria de "leitura do mundo": um ato de decodificar criticamente textos e contextos, vinculando-os à realidade social.

A fala dos estudantes, ao expor noções internalizadas sobre o "papel correto" da mulher ou a hierarquização de cores e traços, funcionou como espelho das estruturas que legitimam desigualdades. No entanto, a Sequência Didática aplicada demonstrou que é possível subverter essa dinâmica. Ao invés de rejeitar os contos de fadas, propusemos reinterpretá-los - não como dogmas, mas como pontos de partida para reflexões sobre representatividade, afeto e justiça social. Os resultados apontam que a mediação crítica dessas narrativas permite transformá-las em instrumentos lúdicos e significativos, capazes de estimular não apenas o prazer pela leitura, mas a formação de sujeitos questionadores.

O patriarcado, como estrutura de poder entre homens e mulheres, em que o homem tem o poder de autoridade, também foi discutido ao longo da Sequência Didática. No conto de fadas "A Branca de Neve", a princesa é, primeiramente, subordinada ao pai, depois precisou do homem na figura do caçador para salvá-la, assim como os sete anões, e, ao término da história, o salvamento e a proteção vieram do príncipe. Esse enredo denota a subordinação da mulher perpetuando o pensamento que considera os homens como superiores. Isso pode ser observado não apenas nas relações entre mulheres e homens, mas também em esferas sociais, como política, cultura e família. Desde os contos de fadas até a atualidade, a mulher é sujeita a diversas formas de opressão, como violência doméstica, assédio sexual, discriminação e exploração.

A pesquisa foi a elaboração de uma Sequência Didática que promoveu esses debates, para que ao longo do tempo haja mudanças em nossa sociedade e o patriarcado não se perpetue mais, prolongando as desigualdades entre gêneros. Foi possível observar que, mesmo com todas as discussões e debates na atividade sobre um outro final para a história da Branca de Neve, o casamento ainda perpetuou,

mostrando o quanto essa relação com felicidade e família ainda está arraigada em nosso meio.

Nessa perspectiva, o estudo reforça a urgência de práticas pedagógicas que, como propõe Freire (2022), substituam a "extensão" de conteúdos pela "comunicação" dialógica. Ao criar espaços para que as crianças articulem suas vozes às análises midiáticas, a escola deixa de ser mera reprodutora de estereótipos e passa a ser território de invenção, onde contos de fadas ganham novas versões, escritas com as cores da realidade e os matizes da empatia. Assim, mais do que concluir, esta pesquisa convida educadores a se juntarem a essa coparticipação: uma jornada em que cada pergunta das crianças é um passo rumo a um mundo menos encantado pelas ilusões das mídias e mais pela força crítica de quem aprende a reescrever suas próprias histórias.

Devo acrescentar que após todas as discussões, leituras e, principalmente, a aplicação e análise do Produto Educacional, reconheço que se possível fosse, hoje alteraria algumas questões que foram abordadas nas atividades, pois percebo que reforçaram estereótipos. Durante o processo e na finalização dele com as análises, observei o quanto minha visão foi se transformando e se ampliando em relação ao tema, e minha identidade docente foi reconstruída à medida em que o trabalho foi desenvolvido.

Com a criação da Sequência Didática, estabeleceu-se uma nova docente, mais crítica e reflexiva e consciente do seu papel na transformação da realidade educacional. A mudança de paradigmas também foi nas crianças, quando apliquei a aula de retorno, onde refizeram a primeira proposta de atividade, desenhando como enxergam uma princesa na atualidade, retratando o oposto da primeira aplicação. Contudo, algo que ainda perdurou após o trabalho foi a centralidade e a importância que ainda perdura sobre o casamento na fala deles, mostrando o quão forte essa narrativa está alicerçada em nossa sociedade. Esse trabalho foi o primeiro passo para uma longa caminhada, da qual estou feliz em fazer parte. Sugiro para essa jornada algumas obras que podem nos orientar na leitura reflexiva e contextualizada, provocando novas formas de enxergar e abordar temas como esse discutido.

## 6 POSFÁCIO

Após dois anos me dedicando a esse trabalho, finalizo-o com muito orgulho e gratidão, haja vista que hoje através dele posso dizer que sou um ser humano melhor e uma professora mais sensível, reflexiva e com um olhar mais voltado às questões que resgatam a dignidade dos estudantes que caminham, e os que ainda caminharão ao meu lado na jornada educacional.

Alfabetizar com a mídia oportunizou-me verificar a importância da leitura como meio de comunicação que muitas vezes é utilizado para perpetuar paradigmas entre as crianças. A alfabetização midiática possibilitou às envolvidas o desenvolvimento do espírito crítico, que é fundamental para a formação da cidadania, além do respeito e a valorização da diversidade de suas origens e da cultura à qual fazem parte. O aprofundamento da pesquisa e aplicação da Sequência Didática, leituras e reflexões permitiram-me romper com práticas educacionais que estavam arraigadas há tantos anos em minha identidade docente, agora busco resgatar abordagens e refazer novos caminhos, que é transformar a minha ação pedagógica.

Muitas leituras foram realizadas e citadas ao longo deste trabalho para criação de novas narrativas, contudo, uma obra que me tocou muito e não tive oportunidade de mencioná-la antes é a de Jefferson Ternório: “O Averso da Pele”, que aborda questões raciais e reflexões muito profundas sobre o tema. Esse enredo contribuiu de forma significativa no desejo de aplicar práticas educacionais que rompam com o modelo tradicional que ainda está posto na atualidade, indo ao encontro a esse trabalho “Princesa, ser ou não ser? Histórias infantis e a (des) construção de estereótipos”.

A mudança de paradigmas foi percebida quando realizei a aula de retorno com os estudantes, onde puderam expressar através de desenhos como enxergam hoje uma princesa. Ao contrário das ilustrações realizadas durante a pesquisa, onde as imagens retratavam que suas princesas eram todas “loiras, de olhos azuis, magras e com roupas cor-de-rosa, além de uma bela coroa”. Na atualidade, expressaram muito de suas individualidades, como feições, cor da pele, do cabelo e dos olhos, e os atributos da “nova princesa” demonstraram aspectos da realidade de cada um, onde foi perceptível a valorização de peculiaridades que antes eram tidas como fora dos padrões de beleza difundidos pelas mídias e tomados como certos por eles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOTTI, J. A. P. **Metodologia de Ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 1990.

ALBUQUERQUE, Fátima. **A hora do conto**. Lisboa: Teorema, 2000

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, São Paulo: Edição 70, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é a mídia educação?** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 3.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.

BRITTOS, Eretania Silmara de. **A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento psicosssexual da criança: o que pensa, o que dizem e o que fazem as professoras?** 2016. 187p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2005. Biblioteca Depositária: UNIOESTE.

CANDIOTTO, C. **Foucault e a crítica da verdade**. 2.ed. Belo Horizonte autêntica. Curitiba: Champagnat, 2013.

CANTO, Luana Grohe. **A arte de narrar contos de fadas e a formação da criança na primeira infância: diálogos com a Base Nacional Comum Curricular**. 2021. 98 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2021. Biblioteca Depositária: UNISA.

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber (Org). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COUTO, Edvaldo Souza; Menezes, José América Santos. **Clicar e brincar: o lúdico na cibercultura infantil**. Salvador: Enecult–VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2010.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotsky**. Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr 2019. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 08 jul. 2024.

FERRARI, Márcio. **Plano de aula: uma bússola para digerir bem o seu dia-a-dia**. São Paulo: Abril, 2005.

FERREIRA, Jefferson. **Minhas primeiras histórias Disney: Branca de Neve**. Brasil: Bicho Esperto, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas explicativas. *In: Freire, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática Educativa**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GAMA, Anailton de Souza; FIGUEIREDO, Sonner Arfux de. **O planejamento no contexto escolar**. Disponível em: <http://discursividade.cepad.net.br/EDIÇOES/04/arquivos04/05.pdf> Acesso em: 07 jul. 2024.

GARCIA, C. M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. *In: NÓVOA, A. (coord.) Os professores e sua formação*. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

GIL-PÉREZ, D.; CARVALHO, A. M. P. de. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. v. 5. 1993.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como Intelectuais: rumo a uma Pedagogia Crítica da Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRIMM, Jacob & Gimm Wilhelm. **Branca de Neve e outros contos de Grimm - seleção e tradução de Ana Maria Machado. Ilustrações de Ricardo Leite**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia novos diálogos sobre Educação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. **Critical media literacy, democracy, and the reconstruction of education**. UCLA Graduate School of Education & Information Studies. Los Angeles, 2007.

KELLNER, Douglas. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. In: **SILVA, Tomaz Tadeu (Org)**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da literatura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ótica. 2001.

LEWGOY, Alzira M. B.; ARRUDA, Maria P. **Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário**: a experiência do diário digital. Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. O planejamento escolar. In: **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIVINGSTONE, Sonia. **Engaging with media**: a matter of literacy? Communication, Culture & Critique. Oxford, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2021.

MARQUETTO, Cristiane. **Alfabetização midiática e jornalismo**: práticas jornalísticas na escola para o desenvolvimento do pensamento crítico no combate a desinformação. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [S, l] 2021.

MASSETO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MOREIRA, Antonio F.; SILVA, Tomas Tadeu. (Orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOREIRA, M. A. **O mestrado profissional em ensino**. Revista Brasileira de Ensino de Pós-Graduação, p.151-142. 2004.

MOREIRA, Maria José Paiva. **Do conto ao reconto**: a magia dos contos de fadas na formação de leitores da Educação Infantil. Curitiba: Editora Appris, 2020.

MUENCHEN, C. **A disseminação dos três momentos pedagógicos**: um estudo sobre práticas docentes na região de Santa Maria/RS. 2010. 273 p. Tese (Doutorado

em Educação Científica e Tecnológica), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MUENCHEN, C.; DELIZOICOV, D. **Os três momentos pedagógicos e o contexto de produção do livro Física**. Revista Ciência & Educação, v. 20, 2014.

NASCIMENTO, Ana Carolina Santos. **Representações sociais dos contos de fadas: uma visão de professores sobre A Bela Adormecida**. 2019. 296 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, 2019. Biblioteca Depositária: Central da UNB-BCE.

OLIVEIRA, Dyulaine Alves de. **Os contos de fadas do antigo a contemporaneidade: uma leitura do feminino**. 2021. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, 2021. Biblioteca Depositária: UNIANDRADE.

OLIVEIRA, Estega Denise. **A transdisciplinaridade Imerosa nos Contos de Fadas: a busca por uma Educação Infantil Inovadora**. 2023. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2023.

OLIVEIRA, Fernanda Evelyne Silva Cardoso de. **É nossa vez: releitura de Contos de Fadas a partir do estudo de diferentes perspectivas identitárias**. 2019. 200p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade Federal da Bahia, 2019.

OLIVEIRA, Francielly de Lima. **Análise de livros didáticos do PNLD/2019 para educação infantil: imagens e gêneros**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2020.

OLIVEIRA, Magalhães Júnior. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 1. ed. Maringá, PR: Editora Massoni, 2021.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, R. C. M. **(Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, v. 2. n. 4. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: ONU, 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PARANÁ. Processo N° 019/2015 - COPPG, **Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN)**. Aprovado pelo Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação da UTFPR em 07/05/2015. Londrina: UTFPR/PPGEN, 2015. Disponível em: <http://portal.utfpr.edu.br/cursos/coordenacoes/stricto-sensu/ppgen/documentos/regulamentos-e-normas/regulamento-do-programa-de->

[pos-graduacao-em-ensino-de-ciencias-humanas-sociais-e-da-natureza-ppgen.pdf/view](#) Acesso em: 20 abr. 2023.

PATEMAN, C. **O Contrato Sexual**. Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PARRA, N. & Parra, I.C.C. **Técnicas Audiovisuais de Educação**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

PERRENOUD, Philippe. **Formar professores em contextos sociais em mudanças: Prática reflexiva e participação crítica**. Revista Brasileira de Educação. Set-Dez. 1999, n.12, p. 5-21.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. On the horizon, v. 9, out. 2001.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **A importância da leitura no processo de alfabetização**. v. 23. Publicação Contínua, 2022.

RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. REGO, Teresa Cristina: **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REIS, Bianca Alves dos. **O conto de fadas e seus rastros ideológicos: uma análise indiciária de cinco clássicos**. 2023. 129p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023. Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária UFSC.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANT'ANNA, Flávia Maria et. Al. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11. ed. Porto Alegre: Sagra / DC Luzzatto, 1995.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE (PR). **Referencial Curricular do Paraná**. Curitiba: SEED/PR, 2021.

SILVA, Oliveira Nayane. **Contos de fadas e práticas de leitura na educação básica**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Letramento). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

STRAUBHAAR, Joseph D.; LAROSE, Robert. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

ULIANO, Rodrigo. **Cinema, Literatura e Educação**: proposta de Sequência Didática com adaptação de Branca de Neve no Ensino Fundamental. 2022. 77p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau, 2022. Biblioteca Depositária: Professor Martinho Cardoso Veiga.

VEIGA-NETO, A. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de império. *In*: **RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (org.). Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

## **APÊNDICES**

Etapa 1 – Atividade 2: desenho de como deve ser uma princesa.



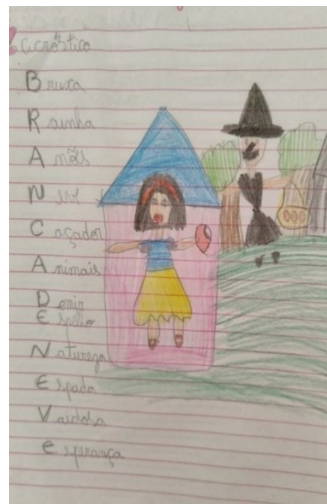
Fonte: A autora (2024)

Etapa 1 – Atividade 3: montagem de cartazes



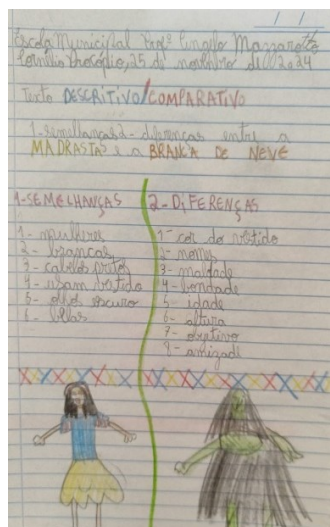
Fonte: A autora (2024)

Etapa 2 – Atividade 4: criação de acróstico com o nome Branca de Neve



Fonte: A autora (2024)

Etapa 2 – Atividade 5: escrita de semelhanças e diferenças



Fonte: A autora (2024)



